

A LAVOURA

BOLETIM DA SOCIEDADE NACIONAL de Agricultura

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908



Capital Federal

Pavilhão da Sociedade Nacional de Agricultura

≡ VIRIBUS UNITIS ≡

BRAZIL

SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

Caixa-postal, 1245
Endereço Telegraphico, AGRICULTURA
Telephone n. 1416

Sede: Ruas da Alfandega n. 108
e General Camara n. 127
RIO DE JANEIRO

DIRECTORIA

Presidente — Dr. Wenceslão Alves Leite de Oliveira Bello.

- 1º Vice-presidente — Vago.
2º Vice-presidente — DR. SYLVIO FERREIRA RANGEL.
3º Vice-presidente — DR. DOMINGOS SERGIO DE CARVALHO.

Secretario Geral — DR. HEITOR DE SÁ.

- 1º Secretario — DR. FRANCISCO TITO DE SOUZA REIS.
2º Secretario — DR. BENEDICTO RAYMUNDO DA SILVA.
3º Secretario — DR. JOSÉ RIBEIRO MONTEIRO DA SILVA.
4º Secretario — ALBERTO DE ARAUJO FERREIRA JACOBINA.

- 1º Thesoureiro — DR. JOÃO PEDREIRA DO COUTO FERRAZ JUNIOR.
2º Thesoureiro — CARLOS RAULINO.

Directores das Secções

Fazenda de Santa Monica	Dr. Sylvio Rangel.
Aplicações do Alcool e Museu	Dr. Benedicto Raymundo.
Secção Technica e Bibliotheca	Dr. Heitor de Sá.
Plantas e sementes e Horto da Penha	Dr. Monteiro da Silva.
Propaganda e estatistica	Alberto Jacobina e Carlos Raulino.
Secretaria	Dr. Souza Reis.
Thesouraria	Dr. Pedreira Junior.

Collaboração

Serão considerados collaboradores não só os socios como todos que quizerem servir-se destas columnas para a propaganda da agricultura, o que a redacção muito agradece. A lista dos collaboradores será publicada annualmente com o resumo dos trabalhos.

A redacção não se responsabilisa pelas opiniões emittidas em artigos assignados, e que serão publicados sob a exclusiva responsabilidade dos autores.

Os originaes não serão restituídos.

As communicações e correspondencias devem ser dirigidas á Redacção d'A LAVOURA na sede da Sociedade Nacional de Agricultura.

A LAVOURA não acceita assignaturas.

E' distribuida gratuitamente aos socios da Sociedade Nacional de Agricultura.

Condições da publicação dos annuncios

VEZES	MEIA PAGINA	UMA PAGINA
1	12\$000	20\$000
3	30\$000	50\$000
6	50\$000	90\$000
12	90\$000	170\$000

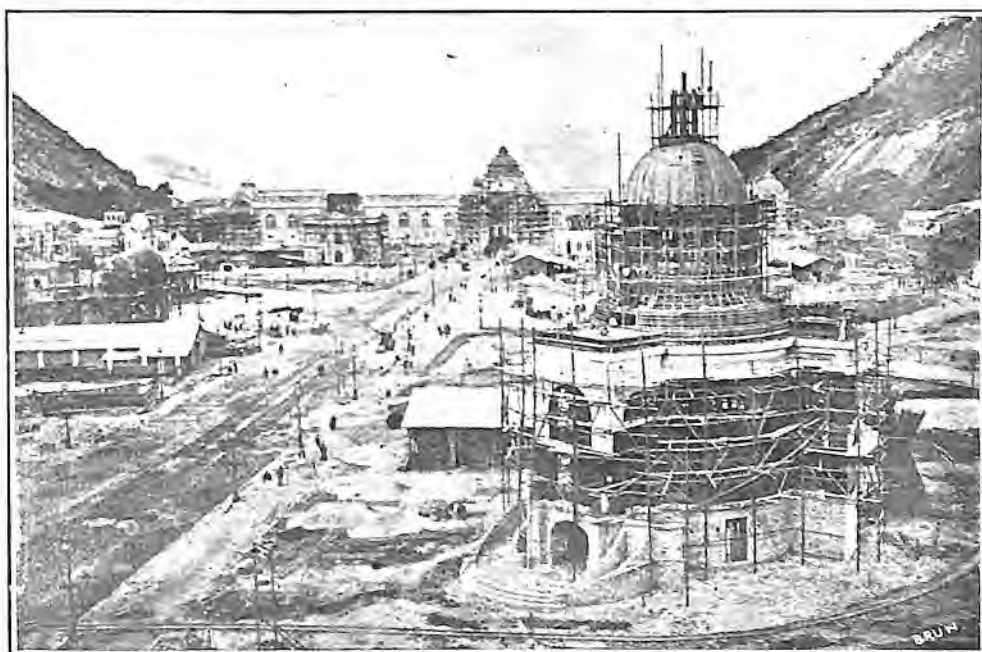
Os annuncios são pagos adeantadamente.

Tiragem 5.000 exemplares

SUMMARIO

	PAGS.
Arvores de sombra	319
2º Congresso Nacional de Agricultura	324
O Pavilhão da Sociedade na Exposição	326
A Pecuaria na Exposição Nacional	330
Algumas madeiras e vegetaes uteis do Brazil	333
A Cabra	333
Empresa Vinicola do Brazil	340
Expediente	345
Noticiario	351
Parte Commercial	355
Bibliographia	364

EXPOSIÇÃO NACIONAL



Aspecto de alguns pavilhões em construção
Vista tirada do arco monumental da entrada



Aspecto em dia de festa

EDITORIAL

Árvores de sombra

E' visível a necessidade da arborisação das praças e ruas de uma cidade, já pelo embelezamento que traz, já pelas vantagens que produz ao clima e salubridade, já enfim pelos effeitos de sombra mitigantes dos ardores do sol.

E nessa faina teem-se muitos dedicado para fazer crer a verdade de tal asserção em beneficio publico.

Justa é portanto a nossa ideia de fazer a propaganda de arborisação nas cidades, com especialidade nesta, tão assolada pelo calor durante a estação do estio, que é bem prolongada.

Assim escolhendo as melhores especies para cada clima, indicamos para aquelles que são menos quentes as acacias e os platanos, de ornamentação propria para as ruas.

Em S. Paulo são frequentes as magnolias amarellas com beneficos resultados, de bella copa e bonita côr.

As nossas ruas largas já se portam bem com os oitys, mas estes devem ser educados para produzirem o effeito desejado.

Graças ás observações do Dr. Monteiro da Silva, nosso distincto collega, podemos indicar algumas especies convenientes, devido á pratica que elle tem da zona maritima.

No nosso littoral ha muita arvore e arbusto que se prestam para arborisação, ainda com os predicados de possuirem o mesmo *habitat*, isto é, natureza igual no solo e no clima.

E é justamente na costa que devemos procurar as arvores para sombra.

A figueira *oity*, muito elegante e copada, de folhas persistentes, de rapido crescimento, é muito abundante na praia e pega de galho.

O *abaneiro* ou *mangueira* da praia é uma outra arvore de muita belleza e de prompto crescimento.

Quem percorre as nossas restingas fica encantado com o porte elegante do *abaneiro* que produz agradavel sombra.

A *herva de lagarto* é um arbusto de um aspecto bonito, muito acima do oity. Si nas florestas apresenta-se tão vistoso, o que será nas cidades, quando educados pelos progressos da arboricultura !

A *Bougainvillea Speciosa* é uma trepadeira que se presta para arvores de sombra.

Basta amarral-a em um suporte até que tome a configuração de um arbusto, copado e interessante.

Durante tres mezes, de julho a outubro, fica florida, produzindo um effeito encantador.

A *Mirindilia*, que é uma arvore bonita e com elegante copa, existe em quantidade no Trapicheiro e Tijuca. Citamos tambem a *sapucaia* e o *ipê tabaco*, que dão lindas flôres côr de ouro.

Veem depois as palmeiras nossas, como o *palmito*, o *gariroba*, o *paly*, a *brejaúba* e outras de um porte gracioso e muito interessante.

Em vez das plantas exóticas que estão apparecendo no Rio de Janeiro, devemos procurar as plantas indigenas de muito maior belleza, elegancia e durabilidade. Além disso teem maior desenvolvimento e crescimento rapido.

E para mostrar que o resultado produzido já foi notado é que as ruas como Uruguayana, Assembléa e Carioca são mais apreciadas que a Avenida Central, porque esta não tem arborisação conveniente.

E querendo fazer comparações basta citar o que *de visu* observámos na fallada Avenida de Mayo de Buenos Aires. Esta só tem de melhor que a nossa a arborisação, que é de duas lindas filas de platanos nos passeios, e que a custo são tratadas, pois durante dois mezes do anno seccam com os rigores do inverno. E' incrivel dizer isso, pois debaixo da constancia do calor em que vivemos, mais facilmente e com mais vantagem para o povo, nós deviamos possuir arborisação nas ruas e praças. Lá é abundante a arborisação publica.

E assim é que deve ser. Fazemos votos para que sirva de incentivo o exemplo citado em beneficio geral. Não é preciso encarecer esta necessidade, pois ella é palpitante. No Congresso de Agricultura, agora realisado, foram votadas conclusões por indicação da nossa commissão sobre este assumpto, as quaes aqui repetimos.

« 7ª — Que os Governos municipaes devem promover a realização de festas das arvores, por intermedio dos alumnos das escolas, como foi feito em S. Paulo pelo serviço agronomico do Estado, por ser um bello exemplo aos particulares e interessados.»

« 8ª — Que os Governos municipaes procurem executar a purificação e desseccamento dos sitios pantanosos e valles humidos por uma plantação de boas especies, como de eucalyptus, para a salubridade de suas terras.»

« 9ª — Que os Governos municipaes procurem plantar arbustos já copados nas ruas largas e nas praças das cidades, para mitigar os ardores do sol, e beneficiar o ar, tendo viveiros para esse fim. »

« 10ª — Que nos jardins não predominem os gramados e sim arvores e arbustos, para serem francamente uteis aos habitantes, que assim podem ter parques no centro das cidades, muito justificaveis sob o sol da zona torrida e mais consentaneos com o clima. »

Chamando a attenção dos leitores para uma noticia sobre esta propaganda publicada por nossa revista em o numero passado, aqui transcrevemos outra d'O *Pai*, em que abundam considerações favoraveis sobre o beneficio que prestam as arvores e as florestas :

« As arvores são talvez o producto mais bello da natureza ; deve-se á sua presença o aspecto mais variado que tomam as planicies e é graças a ellas que as montanhas adquirem os seus principaes caracteres de belleza.

As arvores, porém, não representam unicamente uma das bellezas infinitas da natureza, são tambem um elemento essencial de salubridade, de prosperidade, de vida.

Num artigo da *Bibliothèque Universelle*, E. Tallichet previne-nos dos perigos que resultam da desarborização imprudente, que destróe esses elementos beneficos em tantos paizes.

« Algumas regiões da Hespanha, da Africa do Norte, da Asia Menor, antigo berço da humanidade, que foi durante muito tempo um jardim, estão hoje e em grande parte desoladas e estereis, graças á obra desastrosa da desarborização.

A industria das mattas racionalmente explorada, com o fito de conseguir um melhoramento continuo, póde ser tão remuneradora como qualquer outro cultivo.

Está se experimentando hoje em dia um systema novo, pelo qual não se cortam sinão as arvores adultas, para as substituir immediatamente por plantações novas, e isto com o intento de dar ás plantas a quantidade de ar e de luz de que precisam para prosperar.

As arvores respiram como os homens, por meio do tronco, dos ramos e sobretudo das folhas.

As florestas constituem a reserva de agua potavel, sem a qual uma região está condemnada á esterilidade e ao despovoamento.

Não ha nascentes onde não ha arvores ; e nestes casos a agua em vez de ser o principal factor da vegetação torna-se o seu mais temivel flagello.

Por causa da seccura da atmosphaera as chuvas tornam-se raras e irregulares e cáem geralmente por fórma violentissima : alagando o terreno sem o penetrar ; reúnem-se em torrentes devastadoras, fazem entumecer os rios que transbordam, semeando a destruição e a morte.

Nos Estados Unidos da America do Norte, onde se arrasaram enormes florestas para dar espaço a novas culturas, o mal tornou-se irremediavel, e oxalá que esta lição sirva para outras terras, que ainda teem a felicidade de conservar intactas muitas das suas preciosas mattas.

O ar privado quasi totalmente de humidade produziu nos habitantes aquella magreza e aquella nervosidade exageradas que os distinguem.

Os ventos, que as florestas já não reprimem, teem lá uma impetuosidade sem exemplo, e os cyclones varrem o continente, causando enormes danos.

As diferenças de temperatura são excessivas, podem verificar-se num só dia desequilibrio de mais de 40 grãos.

As tempestades violentas que se desencadeiam do outro lado do Atlantico, teem muitas vezes uma repercussão funesta na Europa ; de modo que tambem nós soffremos pela imprevidencia americana.

Os montes são os verdadeiros depositos de agua que alimentam a planicie e os habitantes desta ultima deveriam preoccupar-se mais de que não fiquem estereis e nus, e de que os valles não se encham de destroços arrastados pela força das aguas pluviaes.

Tambem não convem esquecer que a electricidade se emprega hoje como força motriz ; a agua destinada a produzi-la por baixo preço torna cada vez mais valiosas as montanhas, pois que o descer dellas adquire a força que se emprega na producção da energia electrica.

Para isso é necessario que as correntes sejam tão regulares quanto possivel, sem alternativas de seccagem e de cheias ; comprehende-se, pois, como uma desarborização imprudente póde prejudicar irremediavelmente a regularidade destas correntes de agua e por conseguinte a producção normal da força electrica, fonte modernissima de immensa riqueza. »

O papel da arvore no mundo é, pois, um papel regulador e harmonizador dos elementos propensos á desordem e á violencia. E ainda por este lado são uteis ao homem, dando-lhe um exemplo moral que elle deveria comprehender e imitar mais intelligentemente do que o faz na generalidade. »

Nós temos ainda frondosas arvores nas ruas, que nos prestam abrigos agradaveis, como por exemplo a alameda de *Ficus Benjamina* e *Religiosa*,

em S. Luzia. O mais natural porém é a plantação de arbustos, já copados, havendo porém um viveiro de mudas de todo o tamanho para as substituições precisas nos casos de morte de algum individuo.

Não devemos todavia desprezar as grandes arvores existentes como as palmeiras do Canal do Mangue dispostas em quatro renques de bello effeito.

Os nossos jardins offereciam mais vantagens com sua maior quantidade de arbustos do que com os gramados por que foram substituidos em parte.

Estes são mais adequados aos climas frios, como nos jardins inglezes, e não num clima como o nosso, onde sobejam os arbustos.

E' natural e agradável que se tenha no centro da cidade os pequenos bosques para aquelles que não podem ir ás florestas procurar abrigo e allivio para o calor.

Para abonar proficientemente as palavras ditas em favor da arborisação das ruas, transcrevemos em seguida trechos do artigo do Dr. Ennes de Souza publicado ha cerca de seis annos:

« Entre as regiões que mais carecem, pelo seu clima ardente, ser mitigadas, em bem da hygiene e do bem estar das populações, pela protecção das arvores, acha-se com certeza uma grande — a maior — do nosso paiz.

Entretanto poucos são os logares, entre nós, em que se póde gozar da frescura das sombras proporcionada por uma racional e bem desenvolvida plantação de arvores, escolhidas dentre as muitas que se podem prestar a esse grande beneficio.

E de uma maneira geral mesmo se póde affirmar que, sendo o Brasil o paiz onde crescem as mais bellas e copadas arvores de sombra, é elle exactamente aquelle talvez em que menos proveito se tira de tal circumstancia.

Entretanto tudo convida-nos procurar a protecção das arvores e por conseguinte plantal-as e tratál-as de modo a nos favorecerem o mais possivel.

Nossas praças, nossos quintaes, nossos terrenos, as encostas de nossos morros carecem de plantações arborescentes, já pelo seu embellezamento, já em vista de sua incontestavel utilidade.

Não seria portanto dos menores serviços que a administração municipal prestaria á população, que se move atravez de suas estradas e ruas principaes, esse de plantar e conservar de distancia em distancia arvores de sombra, bem escolhidas a principio pela sua rapida expansão folheal, etc.

Sobretudo nas praças destinadas a estações de vehiculos, junto ás estações da Estrada de Ferro e nos logradouros publicos destinados a mercados e feiras é que a arborisação para sombra deve ser a mais densa, bem plantada e bem cuidada ou conservada.

O terreno vasio deve ser plantado em horta, jardim, vergel ou pastagem, si de uso particular; arborisado, si logradouro publico. Exposto aos raios solares sem cultura alguma num clima abrazador como o do Rio de Janeiro, baixada do Estado do Rio e Norte da Republica é que nem é agradável, nem razcavel nem util.»

HITOR DE SÁ.

2º Congresso Nacional de Agricultura

Ainda mais uma vez a Sociedade Nacional de Agricultura, com o apoio dos poderes publicos e o concurso evidente dos interessados, conseguiu levar a effeito um Congresso Nacional de Agricultura, o segundo que se tem realisado nesta capital, e, como o primeiro, para tratar dos palpitantes problemas que gravitam em torno da lavoura e das industrias que lhe são connexas.

A respectiva commissão organizadora do 2º Congresso Nacional de Agricultura, sob a presidencia do Dr. Wencesláo Bello e secretariada pelo Dr. João de Carvalho Borges Junior, realisou, no dia 7 de agosto do corrente anno, no Palacio Mönroe, uma sessão preparatoria, tendo por objectivo a eleição da Mesa que deveria dirigir os trabalhos do alludido Congresso.

De feito, aberta a sessão á qual concorreu grande numero de congressistas, foram eleitos : para presidente honorario o Exm. Sr. Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida—Secretario da Industria e Viação ; e vice-presidentes honorarios os Srs. Drs. Ignacio Tosta e Wencesláo Bello.

A Mesa effectiva do Congresso ficou assim constituida :

Presidente — Dr. Lauro Severiano Müller ; 1º Vice-Presidente — Dr. Christino Cruz ; 2º Vice-Presidente — Dr. Alvaro Nunes Pereira ; 1º Secretario — Dr. Sylvio Ferreira Rangel ; 2º Secretario — Dr. Bernardino Pinto Monteiro ; 3º Secretario — Dr. Ildefonso Simões Lopes ; 4º Secretario — Manoel Antonio dos Santos Dias Filho.

No dia 9, ainda do mesmo mez, teve logar então a sessão solemne de installação do referido Congresso, sob a presidencia do Sr. Dr. Miguel Calmon, e com a assistencia dos Exms. Srs. Dr. Affonso Penna, Presidente

da Republica e Conde de Selir, Ministro de Portugal, e grande numero de senhoras, representantes das duas casas do Congresso, da lavoura e classes affins, e jornalistas.

O Sr. Ministro da Industria usando da palavra, pronunciou substancioso discurso, memorando quanto se havia feito no 1º Congresso, quanto setinha conseguido, sendo o balanço posto em evidencia por S. Exa. bastante favoravel aos grandes interesses da lavoura. Terminou dando como encetados os trabalhos do 2º Congresso Nacional de Agricultura.

Tomaram parte neste, 330 congressistas, sendo : do Amazonas 1 ; Alagoas 18 ; Bahia 7 ; Ceará 5 ; Districto Federal 80 ; Espirito Santo 10 ; Goyaz 4 ; Matto Grosso 4 ; Maranhão 3 ; Minas Geraes 21 ; Pará 6 ; Piahy 6 ; Parahyba 10 ; Pernambuco 71 ; Paraná 8 ; Rio de Janeiro 28 ; Rio Grande do Sul 24 ; S. Paulo 10 ; Sergipe 4 ; Santa Catharina 10.

O Congresso effectuou sete sessões plenas, durante as quaes foram approvadas e discutidas 278 conclusões, apresentadas pelas 12 commissões especiaes.

Estas funcionaram regularmente, tendo em algumas dellas sido feitas substituições por não terem podido os Srs. congressistas eleitos exercerem, por força maior, os seus cargos, excusando-se por cartas e telegrammas.

O movimento das commissões foi o seguinte :

- 1.^a *Café*. Reuniu-se quatro vezes e apresentou 11 conclusões.
- 2.^a *Canna*. (3.^a Conferencia Assucareira). Reuniu-se nove vezes e apresentou 51 conclusões, tendo approvedo as instrucções para a 4.^a Conferencia Assucareira a realizar-se em S. Paulo, a 2 de julho de 1909.
- 3.^a *Algodão e outras fibras textis*. Reuniu-se sete vezes e offereceu cinco conclusões.
- 4.^a *Fumo*. Effectuou cinco sessões, dando 13 conclusões.
- 5.^a *Fructicultura*. Em cinco sessões, redigiu 13 conclusões.
- 6.^a *Mate e Pinho*. Nas tres sessões realizadas, apurou 15 conclusões.
- 7.^a *Borracha e Cacáo*. Reuniu-se cinco vezes e ultimou 14 conclusões.
- 8.^a *Diversas culturas e industrias ruraes*. Nas tres sessões que realisou, redigiu 40 conclusões.
- 9.^a *Industria Pastoril*. Em quatro dias de sessões, organizou 45 conclusões.
- 10.^a *Ensino agricola*. Effectuou seis sessões e apresentou 20 conclusões.
- 11.^a *União, previdencia e credito agricola*. Reuniu-se nove vezes, redigindo 21 conclusões.

12.^a *Factores economicos*. Trabalhou nove vezes, e ultimou 28 conclusões.

Durante a effectividade do Congresso, foram realizadas diversas conferencias sempre muito concorridas :

1.^a « Sociedades Agricolas da Belgica » — pelo professor Emilio Wlieberg ;

2.^a « Raças vaccuns convenientes ao Brazil » — pelo Dr. Assis Brasil.

3.^a « Acção dos Governos no augmento da riqueza pastoril » — pelo Dr. Carlos Botelho.

4.^a « Organização Commercial da Industria Assucareira » — pelo Dr. Corrêa de Brito.

5.^a « O cavallo militar » — pelo Dr. Assis Brasil.

6.^a « Os importantes resultados da vaccina anticarbunculosa » — pelo Dr. J. B. de Lacerda.

7.^a « Causas permanentes da crise da lavoura de canna » — pelo Dr. Leite e Oitica.

8.^a « Da intervenção do Governo Federal da Suissa em favor do desenvolvimento e da prosperidade da agricultura » — pelo Dr. Pedro L. Soares de Souza.

9.^a « Cooperativas alcoolicas da Bahia » — pelo Dr. Alfredo Cabussú.

10.^a « O problema agricola » — pelo Dr. Christino Cruz.

A Mesa do Congresso, conforme deliberação do mesmo, nomeou, para a redacção final das conclusões approvadas a seguinte commissão :

Drs. Wencesláo Bello, Ignacio Tosta, Sylvio Rangel, Christino Cruz, José Lobo, Estacio Coimbra e Alvaro Pereira.

O 2º Congresso Nacional de Agricultura encerrou os seus trabalhos, em sessão solemne effectuada a 3o de agosto, tendo a ella comparecido os Exms. Srs. Presidente da Republica e Secretario da Industria e Viação.

O Pavilhão da Sociedade na Exposição Nacional de 1908

A inauguração official do nosso Pavilhão effectuou-se no dia 26 de agosto, ás 2 horas da tarde, com a presença do Sr. Presidente da Republica, acompanhado pelos Srs. Dr. Miguel Calmon, Ministro da Industria e Viação, General Feliciano Mendes de Moraes e Coronel Alvares da Fonseca, chefes das casas militar e civil da presidencia e seus ajudantes de ordens.

Aguardavam os Srs. Presidente e Ministro os Srs. Drs. Antonio Olyntho, Getulio das Neves, Conde Candido Mendes e general Thaumaturgo de Azevedo, membros do Directorio Executivo, Drs. Wen-

ceslão Bello, Sylvio Rangel e Souza Reis, Benedicto Raymundo, Monteiro da Silva, Senador Lauro Müller e general Jacques Ourique.

A banda do 2º de artilharia do Exercito executava diversos trechos de musica no Pavilhão.



Entrada do Presidente da Republica e comitiva no Pavilhão

O Sr. Presidente da Republica e mais membros da commissão começaram sua inspecção pelo primeiro andar, demorando-se no exame da collecção de cannas de assucar e varias fructas do paiz e acclimatadas. Passaram á secção de fibras de varias plantas textis da nossa flora, á dos muitos cereaes ali expostos de todas as zonas do paiz e ao museu zoologico.

Nesta occasião foi servida uma chavena de matte á S. Ex. e á sua comitiva.

Depois de amistosa palestra com os presentes subiu S. Ex. ao pavi-



S. Ex. examinando os Mappas de Geographia Agricola
mento superior, onde, sentado, examinou detidamente os albuns, nos quaes

se acham os mappas agricolas de todos os Estados, com a designação da producção de cada zona, mostrando-se satisfeito com esse trabalho e dizendo ser de grande interesse agricola para nosso paiz, sendo tambem a primeira iniciativa a esse respeito.

Dirigindo-se depois S. Ex. para o andar terreo, onde está instalada a secção de apparatus a alcool, machinas agricolas e machi-



S. Ex. é convidado a dirigir-se ao jardim das plantas industriaes

nismos para a fabricação de queijos e manteiga, visitou tambem o jardim, onde se encontra uma bella e variada collecção de plantas ornamentaes, industriaes e indigenas.

O pavilhão da Sociedade é de aspecto simples, guardando em suas linhas geraes o da ordem corynthia que deu origem á sua architectura, em todo o corpo principal do edificio, o qual abrange os dois primeiros pavimentos.

O terceiro pavimento é constituido por um terraço, tendo ao centro um torreão, que supporta a cupola, e onde existe um salão de fórma octogonal regular com area de cerca de 60 metros quadrados.

O terraço que circumda esta sala tem uma area approximadamente de cerca de 160 metros quadrados. Encimando a cupola nota-se uma esphera, sobre a qual descança a estatua de Ceres, trabalho de esculptura do artista hespanhol Sr. F. Basols.

O segundo pavimento compõe-se de um grande salão octogonal, tendo 13^m,60 de vão livre, o que muito favorece a impressão dos visitantes, permitindo bonita installação.

Este salão tem oito columnas, nos vertices do octogono, as quaes sustentam um entablamento, ornamentado com modilhões e ovolus, obedecendo ao mesmo estylo da ornamentação externa. E' inteiramente branco-marfim, tendo oito metros de pé direito, sendo a sua decoração com ligeiros toques de ouro.

Em torno do salão existem quatro salas, tambem inteiramente pintadas de branco-marfim. O primeiro pavimento tem a divisão exacta do segundo, notando-se, porém, no salão central quatro columnas verdes, tendo os capiteis ligeiramente dourados. A pintura deste pavimento é toda verde claro e a do terceiro verde mar.

O accesso ao primeiro pavimento é dado pela escadaria exterior de cimento armado, e pela escada interna, collocada numa das salas lateraes.

Externamente o pavilhão apresenta a côr perola, notando-se nos corpos salientes que o circumdam quatro frontões, sustentados por duas columnas cada um e nos quaes vêm-se em claro escuro as télas pintadas por Mario Costa, allegoricas aos quatro problemas vitaes da nossa agricultura : o ensino agricola, a união agricola, a lavoura e a zootechnia.



Sahida do Presidente e comitiva do Pavilhão

Na porta de entrada principal do edificio, no segundo pavimento, no tympano do frontão que a encima, lê-se em uma fita, que enlaça os ramos de café e fumo, a divisa *viribus unitis*, adoptada pela sociedade, desde a sua fundação. A altura total do edificio é de 32 metros, tendo uma área util de 660 metros quadrados.

O pavilhão é circundado por um jardim de plantas ornamentaes, onde, em bem desenhados canteiros, todos gramados, surgem lindos grupos de flores de variados matizes.

Ainda como predominante attracção, é justo salientar os trabalhos de mosaicultura existentes, figurando entre elles dous lindos jarros, tendo 1^m,60 de comprimento, uma pyramide de 2 metros e ainda uma linda corbeille em fórma de barco, situada na parte em frente ao Theatro da Exposição.

Este jardim é illuminado pela propria luz electrica do Pavilhão

A Pecuaria na Exposição Nacional de 1908

1º TURNO

A secção de pecuaria da Exposição Nacional de 1908 veio provar por meio de suas amostras quanto andamos transviados na rota economica que vamos trilhando; porquanto o que parece ter ficado patente do nosso certamen nacional é que somos um paiz com tendencia para o industrialismo e pouco pendor pela agricultura em seus multiplos departamentos.

A secção pecuaria foi mais um reforço a esta these. Era de esperar que um vasto paiz como o nosso, onde se desdobram e exuberam extensas e gordas campinas naturaes, apresentasse abundantes e bellos especimens de animaes domesticos; porém assim não foi. Em vez de gados finos e variados, formados pela selecção consciente, o que vimos foi um mostruario pequeno com os typos differentes entre si, mostrando não estar ainda disseminada a verdadeira orientação.

Todavia já é tempo de termos idéa assentada, sinão sobre os problemas de toda a zootechnia nacional, pelo menos sobre o que melhor possa convir a certas e determinadas zonas deste immenso paiz.

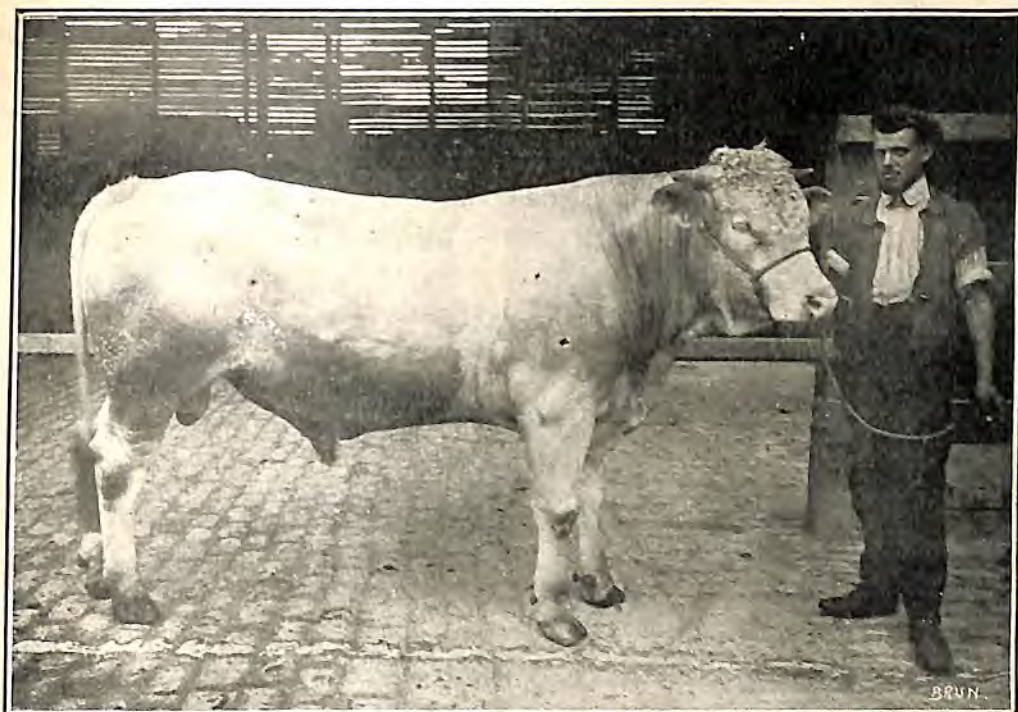
Vimos ao lado do Hereford o Zebú de differentes variedades, o Turino figurando ao pé do Buffalo, o Durham, o Simmenthal, o Jersey, o Caracú e outros mais.

Entre todos esses gados, uns eram importados, outros filhos de produtores estrangeiros e criados em condições especiaes de trato, mui afastadas das normas propriamente industriaes.

Nossos, propriamente nossos eram os Caracús, e é bom que se repita, havendo destes alguns especimens dignos de honrosa menção.

Porque seja ainda pouco conhecido entre nós vamos dizer algumas palavras sobre o gado Simmenthal, representado na Exposição por um lote de reprodutores importados ultimamente pelo Coronel Durish para cedel-os aos Srs. criadores, após alguns mezes de acclimação.

O touro *Dragão*, aqui figurado, tem 24 mezes de idade e possui todos os característicos da raça Simmenthal, a que pertence.



E' de Gruyère — Suíça — filho de paes premiados e importado por Durisch & C.

E' um bello animal, muito carnudo, bem conformado, pintado de branco-damasco e amarello-claro.

A raça Simmenthal (raça do valle do rio Simmen) começou a ser seleccionada desde 1859; « sua reputação é universal e tende a se acclimar em toda a parte na Europa, onde a produção da carne aliada á de criação lactea constitue principal escopo do criador. » *André Sanson*.

Sua pellagem é constituida pelas cores branca e amarella, formando malhas mais ou menos extensas, chifres curtos e claros, tem anca larga, peito amplo, membros locomotores curtos.

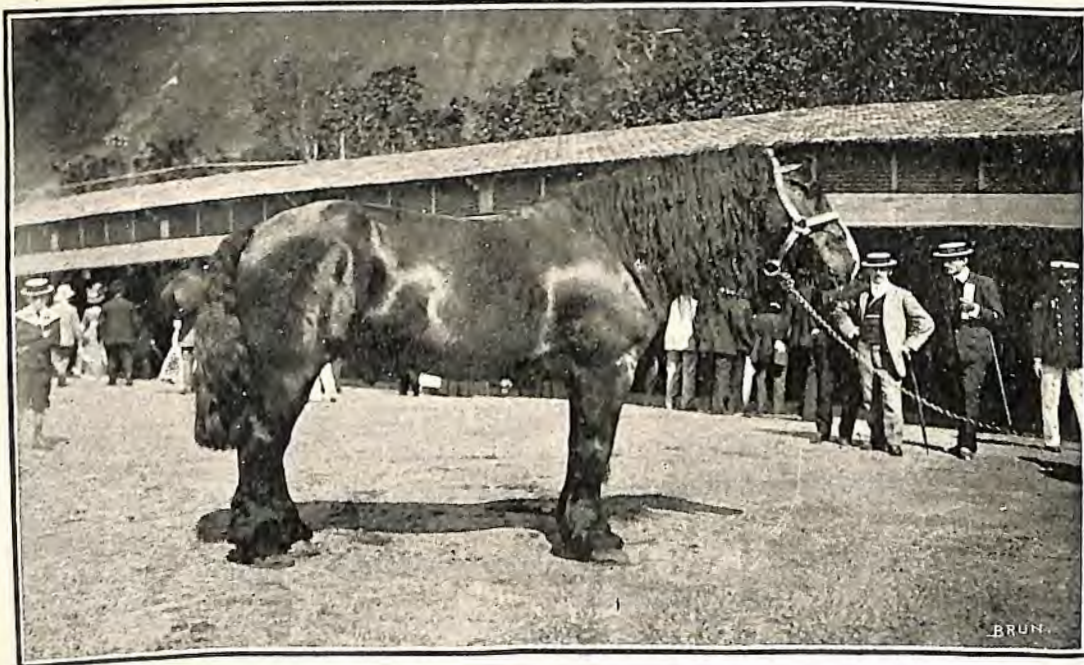
A raça Simmenthal produz excellentes bois carreiros, rusticos e forçosos, de engorda facil e excellente carne, o que muito os recommenda para o açougue. No estado de engorda completa, os bois de Simmenthal pesam 1.000 a 1.200 kilos, peso vivo.

As vaccas desta raça são boas leiteiras, porquanto dão em média, no correr do anno, 2.000 a 3.000 litros de leite, com uma riqueza butyrica variavel de 3,3 a 5 %, isto é, são precisos 20 a 30 litros de leite para 1 kilo de manteiga, conforme, bem entendido, a estação do anno, qualidade das rações e idade da cria.

Depois de alguns annos de observação, sobre a alta inspecção da *Federação Suissa dos Syndicatos de Criação da Raça Simmenthal*, estabeleceu-se uma interessante tabella, em que figuram numericamente : 1º, o numero das vaccas leiteiras submettidas á observação ; 2º, numero de dias de lactação ; 3º, numero de dias de um parto a outro ; 4º, quantidade em kilos de leite ordenhado durante o tempo da lactação ; 5º, quantidade em kilogrammas do leite ordenhado por dia ; 6º, quantidade em kilogrammas de manteiga por 100 litros de leite ; 7º, quantidade em kilos de materia secca ou caseífera.

As observações alli registradas referem-se a 88 vaccas leiteiras, pesando cada uma em média 687 kilos, a duração média da lactação foi de 359 dias, espaço médio de uma cria a outra 418 dias ; a produção de leite por cabeça durante o periodo de lactação foi de 4.123 kilos de leite, a produção diaria de cada vacca foi em média de 11 kilos e 460 grammas de leite ; a produção total de manteiga para cada vacca subiu a 162 kilos ; a produção total de materia solida de cada vacca durante a lactação foi de 537 kilos.

Estes dados são interessantes, pois photographam, por assim dizer, o valor economico da raça Simmenthal, em boa hora introduzida entre nós, primeiramente pelo governo de Minas e agora pelo Sr. coronel Durish



PIPO — Fazenda Coronel João Francisco — Rio Grande do Sul

O cavallo aqui representado por esta gravura pertence á raça dos pequenos *percherons*, os quaes servem para tiro rapido e para sella.

Os *percherons* são animaes originarios da região franceza, denominada Perche ; são de cor russa manchada de pequenas malhas mais escuras do que a pellagem geral ; são vivos e nervosos, tendo em média a altura de 1^m,50 na variedade pequena.

O typo aqui figurado é um bello animal.

A secção canina, embora restricta, é pouco variada ; apresentou



PAULO E CZAR — Proprietario, Roque de Carvalho.

bello especimens da raça dinamarqueza. A gravura supra representa um casal de galgos.

Algumas madeiras e vegetaes uteis do Brazil

(Continuação)

FAMILIA DAS MELIACEAS

Cangerana

Cabralea cangerana, Sald. Gam.

SYNONIMIA:— *Açafrão* (nome que dão mais frequentemente a uma meliacea de outro genero, a *Guarea trichilioides* Cav., bem como á bixacea *Bixa orellana* L., á composta *Carthamus tinctoria* L. e á zingiberacea *Curcuma longa* L.)— *Caierana* (de certo erro de graphia ou de imprensa)

—*Cajarana*, no Ceará (onde, parece, dão o mesmo nome á balanophoracea *Lophophytum mirabile* Schott. e Endl.) — *Calumba-brasileira* (não *Caluna*, nem *Calunga*) — *Canarana* (não se confunda com uma graminea amazonense de igual nome) — *Cangerana*, nos Estados do Rio, S. Paulo e Paraná — *Cangerana-assu* — *Cangerana-de-maminha*, nos arredores da capital de S. Paulo — *Cangerana-de-prego*, no Rio Grande do Sul — *Canharana* (talvez erro de pronuncia) — *Canjarana* — *Canjerana*, na Bahia e no Espirito Santo — *Cayá-rana*, dos indigenas tupis, « parecido com o cajá » — *Kayá-rana* (a mesma cousa) — *Pau-de-Santo* (nome que decerto deram á madeira para explicar que ella serve para escultura; não deve, pois, confundir-se com vegetaes de nome quasi igual, como a *zygophyllacea* *Guayacum sanctum* L., uma *ternstremiacæ* do genero *Kielweyera* e uma *leguminosa* do genero *Zollernea*).

HABITAÇÃO — Encontra-se em todos os Estados maritimos, desde o Ceará (?) ao Rio Grande do Sul, sendo mais abundante nos de S. Paulo e Paraná; é pouco sensivel ás altitudes, preferindo sempre terrenos seccos e argilosos, de boa qualidade.

DESCRIÇÃO — Grande arvore, até 12,00 de altura e 0,65 de diametro, dimensões estas que consta serem excedidas na vertente oriental da serra do Mar; caule recto; casca um pouco fibrosa, pardacenta, aromatica e de sabor amargo; folhas compostas, grandes, até 0^m, 70 de comprimento; foliolos oppostos, mais ou menos 155 m/m de comprimento e 55 m/m de largura, coriáceos, peciolados, acuminados, obliquos na base, nervura central saliente nas duas paginas, sendo vernicosa a superior e um tanto pubescente a inferior, bem como o rachis. Flores em paniculas axillares. Fructo ovoide, de 31 × 29 m/m mais ou menos, atroxviolaceo, com cinco oculos, contendo cada um duas sementes, verde-esmeraldinas antes de amadurecerem; fructifica em março e abril (região de Iguape).

MADEIRA — Côr de rosa avermelhada, com cerne vermelho-carregado; tecido bastante compacto e poros pouco visiveis, docil ao cepillo e á serra. Pesos especificos verificados: 0,658 (Rio Grande do Sul) — 0,693 (S. Paulo) — 0,734 — 0,753 — 0,768 (Rio de Janeiro) — 0,824 (Rio Grande do Sul). Resistencia ao esmagamento: carga perpendicular ás fibras, 317; carga parallela, 449; sem determinação da posição, 546 kilogrammas por centimetro quadrado.

APPLICAÇÕES — Madeira para perfumaria, escultura, torno, marcenaria, caixilhos de janella, bolandeiras de rodas de engenho, pranchões, taboado, frechaes, tirantes; construcção naval, obras internas e externas e hydraulicas, porque resiste muito á humidade e ao ar; esteios, postes e dormentes de segunda qualidade, não obstante terem a mesma duração

(11 annos) de outros, como a peroba e a laranjeira, consideradas de primeira qualidade. As cascas contem bastante tanino associado a materia corante cinzenta; o cortex é tónico em doses moderadas, vomitivo em doses médias e emmenagogo violento e até abortivo em doses elevadas, provocando dejecções alvinas. As cascas das raizes, em tintura, xarope ou extracto, são consideradas anti-febris, uteis no tratamento das sezões e febres catarrhaes.

VARIEDADES — Além da *C. miuda*, meliacea de outro genero (*Guarea trichilioides* Cav.), supponho que na região de Iguape e em geral nos Estados de S. Paulo e Paraná existem duas variedades, a menos que avançando em idade, os individuos vão perdendo suas boas qualidade industriaes e mesmo diminuindo sua densidade, o que espero verificar opportunamente.

OBSERVAÇÕES — Não obstante ser este vegetal um dos mais importantes que povoam o sul do Brasil e de pertencer elle a uma das familias mais uteis, ha ainda grande confusão não só nos nomes vulgares, como tambem nos scientificos; a confusão vae até ao ponto de alguns escriptores darem o nome de «Cangerana» a outras meliaceas, como sejam a *Carapa guianensis* Aubl. e a *Guarea cernua*.

— A madeira a que no Estado do Espirito Santo dão o nome de «Cangerana», é não só absolutamente diversa da «Cangerana» de Cananéa, como muitissimo inferior em qualidade.

— O nome de «Calumba brasileira» deve ter sido dado á nossa meliacea pelos primeiros escravos que desembarcaram no Brasil, decerto porque elles lhe notaram os effeitos tónicos da Calumba verdadeira, que é a *menispermacea* africana *Cocculus palmatus* D. C.

— «Calumba», que é palavra angolense, já serve para designar uma *gentianeacea* americana, a *Frasera Carolinensis* Walt.

Monographia n. 47 — *Amostra* n. 9

FAMILIA DAS MYRSINACEAS

Capororoca Pequena

Rapanea venosa A. DC.

SYNONIMIA — *Caa-poro-roca*, dos autochtones «folhas» ou «matto que estala» (ao fogo) ou, segundo Martius e parece que com menos fundamento «arbusto de ramos quebradiços» — *Caporoquinha* e *Capororoca branca de folha miuda* no Rio Grande do Sul — *Jacaré do matto* (esta especie?), em alguns logares de S. Paulo.

HABITAÇÃO — Nos Estados marítimos do Brasil, desde o de Alagoas ao do Rio Grande do Sul, e talvez na Republica do Uruguay. Vegeta nas capoeiras, e de preferencia nas terras fracas e silicosas, nunca se encontrando nas mattas virgens.

DESCRIÇÃO — Arvore bonita e de caule recto, até 8,00 de altura e 0,45 de diametro; casca até 10 m/m de espessura, verrucosa, porosa, quebradiça, de côr branca que oxyda ao ar e se torna rosada; ramos crassos com as cicatrizes das folhas antigas e as extremidades tomentosas; folhas simples, inteiras, alternas, pecioladas, base cuneiforme, acuminadas, 83 m/m de comprimento e 22 m/m de largura mais ou menos, ob-lanceoladas, peciolo e nervura central tomentosas; inflorescencia lateral, pedicellada; flores pequeninas, esverdeadas; fructo pequeno, preto; floresce em abril.

MADEIRA — Côr branca, pesada, fibras grossas, irregulares, tecido compacto, docil ao cepilho e á serra.

APPLICAÇÕES — Madeira sómente para linhas, caibro se obras internas, porque não resiste á humidade; dá optima lenha, preferida pelos ferreiros para o fabrico de carvão. As cascas conteem tanino, mas parece-nos que em fraca porcentagem. Os fructos são apreciados pelos passaros.

OBSERVAÇÕES — Parece existir algures uma « Canella capororoca ». Monographia n. 48 — Amostra n. 123.

FAMILIA DAS MYRSINACEAS

Capororoca ussú

Cybianthus Regnelli Mez?

SYNONIMIA — *Capororoca grande*. (Vide a da especie antecedente).

HABITAÇÃO — Encosta oriental da serra do Mar, no Estado de S. Paulo, faltando-nos informações sobre os demais Estados do Brasil. Vegeta apenas em terras argilosas, de qualidade regular, seccas ou humidas.

DESCRIÇÃO — Arvore magestosa, de caule recto, até 16,00 de altura e 0,45 de diametro; casca vermelha até 12 m/m de espessura, muito adstringente, com epiderme fina, branca-esverdeada e farinosa; ramos crassos, com as cicatrizes das folhas cahidas; folhas inteiras, simples, penninervias, longamente pecioladas, peciolo até 25 m/m, folhas até 295 m/m de comprimento e 122 m/m de largura mais ou menos, de base cuneiforme, nervura central saliente, coriáceas; inflorescencia lateral; flores pedicelladas; fructo bacciforme, com fragmentos do estylete no apice.

MADEIRA — Alburno côr de rosa-avermelhado e cerne rosa-des-maiado ; fibras grossas e irregulares, apresentando um trançado lindíssimo, identico ao dos carvalhos e com bonitos veios. Docil ao cepilho e á serra, mas só deve utilizar-se depois de bem murcha, porque racha facilmente quando verde.

APPLICAÇÕES — Madeira especial para mobílias, graças á sua belleza, e tambem para vigas, esteios, caibros, taboado de soalho e outras obras internas e externas ; contém tannino, talvez em porcentagem elevada, fornece varas altas para cercas de gado e optimo carvão. As cascas são muito ricas em tannino, proprias para a industria do cortume, posto esteja elle associado a materia corante de côr rubra ; empregam-nas tambem em banhos contra as affecções cutaneas.

VARIEDADES — Si este vegetal não é o *Cybianthus* Regnelli Mez, será evidentemente uma sua variedade, o que pretendemos verificar quando dispusermos do material necessario.

OBSERVAÇÕES — O caule da Capororoca-ussú apresenta a singularidade de ter o alburno mais duro que o cerne, posto que um e outro sejam bem fortes. E' além disso um dos raros vegetaes cujo caule talvez possa fornecer tannino em quantidade apreciavel industrialmente.

Monographia n. 49 — Amostra n. 73.

FAMILIA DAS MYRSINACEAS

Capororoca vermelha

Rapanea umbellata M

SYNONIMIA — *Azeitona do mato* (?), no Rio de Janeiro (não confundir com a verbenacea *Vitex montevidensis* Cham., duas lythraceas do genero *Cuphea* e uma myrtacea, que teem todas o mesmo nome vulgar) — *Canelon*, na Republica do Uruguay — *Capororoca de folha larga*, em diversos logares. (Vide as duas especies precedentes e não se esqueça que ha diversas « Capororocas » desta mesma familia e da das Vinteraceas, as quaes teem synonymia bastante complicada).

HABITAÇÃO — Em todo o sul do Brasil, desde o Estado do Rio de Janeiro, e tambem na Republica do Uruguay. Não se encontra em terras de primeira qualidade, mas sim nas regulares e até nas ordinarias, mesmo quando fortemente silicosas. Os individuos que vegetam nas terras seccas do littoral, desenvolvem-se muito mais do que os que vegetam no interior.

DESCRIÇÃO — Arvore de caule recto, até 10,00 de altura e 0,45 de diametro ; casca até 15^m/_m de espessura, vermelha, cheiro e gosto de

kerozene, adstringente, epiderme regular, suberosa, fendida, quasi palhete ; ramos crassos ; folhas simples, inteiras, coriáceas, geralmente alternas, pecioladas, oblongas, mais ou menos $110 \text{ m}/\text{m}$ de comprimento e $45 \text{ m}/\text{m}$ de largura ; inflorescencia lateral, formada na axilla dos raminhos verrucosos ; flores abundantes, pequenas, violáceas ; fructo indehisciente, globuloso, violáceo ao amadurecer.

MADEIRA — Côr rosea com lindas veias vermelhas e marchetamentos obliquos, pelo que muitos a confundem com a de um carvalho (proteacea). Docil ao cepilho e á serra. Peso especifico — 0,829 (Rio Grande do Sul).

APPLICAÇÕES — Madeira para obras internas, taboado, vigas, ripas, etc., exigindo ser secca antes de desdobrada, porque empena muito ; dá boa lenha. As cascas contem boa porcentagem de tannino e são já empregadas como tannante de primeira qualidade.

OBSERVAÇÕES — Esta e as demais «Capororocas» teem a particularidade de empenar e rachar muito, o que é lastimavel, porque as madeiras, devido á disposição irregularissima das fibras, apresentam um marchetamento que lhes daria importante logar na marcenaria de luxo.

Supponho que em alguns logares dão ás «Capororocas» em geral, ou pelo menos a esta especie, o nome de «Sobro», allusivo á suberosidade da casca. Ha, porém, outros vegetaes, de diversas familias, com o mesmo nome vulgar.

CONTINUA



COLLABORAÇÃO

A cabra

A cabra é uma bemfeitora da humanidade e é o que vamos provar.

Um dos melhores alimentos indispensaveis á vida humana, e sem contestação, é o leite. E' com effeito indispensavel, tanto ás crianças, como ás pessoas enfraquecidas pelas enfermidades ou pela velhice.

A preocupação de achar um bom leite, nos leva a aconselhar o leite de cabra, a leiteira das crianças e das pessoas de saude delicada. Hoje, que a tuberculose faz tantas victimas, devemos ter todo o cuidado possivel, principalmente sabendo que o leite das vaccas tuberculosas torna-se em muitos casos o principal factor desta terrivel molestia.

Além disto, a vacca também é portadora ás vezes de outras doenças, não menos perigosas para a humanidade como a peste, febre typhoide, aphtosa, e também a escarlatina.

Por isso deve-se fazer uso sempre que for possível do leite de cabra, pois este animal, além de ser completamente refractario á tuberculose, o é, igualmente, para as outras molestias communs ao gado bovino, e as creanças alimentadas com elle resistirão melhor a essas terriveis molestias; este leite tem também a propriedade de ser muito nutritivo e de facil digestão, e é o que mais se assemelha ao leite humano pela sua composição.

Para se dar um exemplo do quanto este leite é usado e apreciado na Italia, affirma-se que o finado papa Leão XIII não fazia uso senão de leite de cabra, tirado e bebido quente do calor animal, e a isto em grande parte se attribuia o vigor de sua saude e o seu espirito lucido em tão avançada idade.

Emquanto aos defeitos que algumas pessoas lhe apontam de ser este leite quente e de fazer com que as crianças alimentadas com elle sejam nervosas e traquinas são considerações que, além de não ter senso commum, só se propalam por pessoas ignorantes, pois a maioria dos medicos illustres daqui e da Europa recommenda este leite como um dos melhores e nunca fallam nestes inconvenientes.

Este animal tão util, tanto pelo seu leite, como pela sua carne, etc., deve ser cuidado e estimado muito mais do que tem sido até agora, pois as suas vantagens o torna precioso principalmente para os proletarios; além disto sendo bem tratado acostuma-se a estar preso em um lugar acanhado, comtanto que não seja humido e tenha um bom telheiro para se abrigar da chuva. O chão deste deve ser de pedra ou cimento; nestas condições gosarão saude, se bem que sempre que puderem estar soltos darão mais leite e os filhos se criarão com maior facilidade, ficando mais fortes e robustos. Emquanto á alimentação, este animal é um dos mais faceis de sustentar, pois come quasi toda qualidade de hervas, galhos de arvores, principalmente de jaqueiras, videiras e mangueiras, folhas de bananeiras, pão, farello, milho, feijão cosido, etc., emfim quasi toda a comida de casa, comtanto que seja sempre collocada em vasilhas bem limpas e, se fôr dado em feixes o capim, deve ser amarrado e pendurado para não se sujar nem ser pizado por elles, porque, se não houver este cuidado não o come.

Para terminar diremos que deve-se generalizar a criação deste tão util animal, pois, além das vantagens acima enumeradas, se não immuniza completamente contra a tuberculose a pessoa sustentada com o seu leite

todavia ficará mais forte e também menos apta a contrahil-a. Por isto a « Liga Contra a Tuberculose » deve sempre recommendar e aconselhar o uso deste leite, pelos meios que estiverem ao seu alcance, e com isto prestará um relevante serviço á humanidade soffredora, para ajuda-la a combater um dos seus peiores flagellos : A — Tuberculose.

ORIENTAL

Empresa Vinicola do Brasil

Do *Correio de Maceió* de 12 de maio do corrente, transcrevemos o seguinte a respeito deste importante estabelecimento industrial :

« Ante-hontem, domingo, S. Ex. o Sr. Dr. Euclides Malta realizou uma excursão ao engenho Satuba, propriedade agricola do Sr. coronel Pedro de Araujo Lima, afim de ver as amostras que manda para a Exposição Nacional a Empresa Vinicola do Brasil alli estabelecida.

A visita foi particular ; S. Ex. desejava além do mostruario, ver a fabrica de vinhos e licores extrahidos do caldo de canna e de outras fructas nacionaes, funccionando ; queria detidamente, sem as pragmaticas do officialismo, estudar esse grande melhoramento do nosso Estado, e, acompanhado apenas por quatro amigos, tomou o trem de suburbios em direcção áquella fabrica. Recebido com a maior cordialidade pelos socios da Empresa Vinicola do Brasil, S. Ex. e seus companheiros de excursão apeiaram-se em casa do illustre Sr. Dr. João Valle, onde se devia servir o almoço e, depois de se ter servido o café, seguiram todos para o edificio da fabrica precedidos do distincto industrial, fabricante do Nectar do Brasil e de todos os productos da mesma fabrica, incontestavelmente a unica e a primeira no genero neste vasto paiz. O Sr. commendador Brandão, mestre na industria a que se dedica, consciente de seu valor, a todos explicou minuciosamente e com clareza todo o funccionamento das diversas peças eapparelhos alli, naquelle grande edificio, por elle collocados e montados na melhor ordem possivel, com toda a segurança e mesmo luxo de installação, pois foi elle o Sr. Brandão quem pessoalmente dirigiu toda a montagem dessa vasta officina do trabalho e do progresso, com todo o esmero, trabalho esse digno do todos os encomios que ao distincto industrial não faltaram de todas as pessoas presentes.

Excedeu em muito á expectativa dos illustres visitantes tudo o que alli viram, subindo de ponto a satisfação geral quando tiveram de provar o que alli actualmente se fabrica e vae para a exposição, e que não é tudo



Vista geral da fabrica

ainda que podem produzir os conhecimentos profissionaes do Sr. commendador Brandão.

Lá estavam os dous typos de vinho de canna — Nectar do Brasil — o typo — Particular — e o Moscatel, e em licores o — Chartreuse — Cacáo — Anisette, — a aguardente desinfectada e pura, os xaropes — de Grozelha e Gomma — e o vinho de genipapo, claro, limpido, de sabor delicado, o que de melhor temos visto. A exiguidade do tempo não permittiu ao illustre homem do trabalho que mais desenvolvesse seus conhecimentos no fabrico de outros productos, que prometteu nos dar depois.

A impressão recebida de tudo que alli ha, do trabalho que alli se faz, da perseverança desse homem que não poupou esforços para levar a bom termo essa obra magnifica, foi a melhor possivel. E' como elle mesmo o diz : « A organização dessa fabrica era para mim uma questão de principio ; quiz demonstrar que os capitaes aqui empregados não foram postos fóra, o Estado das Alagoas foi dotado de um estabelecimento modelo e unico no genero, nós não perdemos nosso tempo, e respondemos assim aos que tanto nos malsinaram. »

Serviu-se o almoço de delicadas iguarias, ao meio dia, havendo ao champagne diversos brindes, destacando-se o de S. Ex. o Sr. governador, ao Sr. coronel Pedro Lima, socio commanditario da empresa pelo seu espirito apprehendedor, digno de imitação e de applausos pelo muito valor que traz á iniciativa particular neste Estado, e ao Sr. commendador Francisco Pinto Brandão pelos seus grandes conhecimentos profissionaes e pela sua tenacidade no trabalho.

Lembrou-se então a ideia de dar como inaugurados os serviços da fabrica, desde que está ella em bom funcionamento, e passando-se novamente ao escriptorio da Empresa Vinicola do Brasil foi ahi lavrada a respectiva acta que abaixo transcrevemos. Visitaram-se depois as diversas dependencias da fabrica, a caixa de agua, a fonte que fornece agua para todo o necessario, osapparelhos *heater-wasel* para os operarios, e que communicam com fossas inodoras construidas pelo systema do Dr. Valle, os encanamentos de esgotos de aguas servidas, tudo deixando a melhor impressão.



Vista do interior da fabrica

Ao entrar no edificio que tem 75 metros de comprimento por 22 de largo, nota-se á esquerda o escriptorio e a elle annexo o laboratorio em que trabalha o Sr. commendador Brandão, e á direita um vasto salão para expedição dos productos; entra-se na fabrica propria-

mente e veem-se alinhadas, — 18 de cada lado, — 36 dornas, sendo seis grandes com a capacidade de 30 pipas cada uma e 30 menores com a capacidade de 10 pipas cada qual. Todas ellas são ligadas por cima e por baixo por encanamento de cobre estanhado a estanho fino por dentro e por fóra, communicando-se entre si e com duas bombas que para qualquer dellas pôde conduzir o caldo da canna vindo das moendas. Ha mais dois filtros de grande capacidade, um grande alambique a fogo nú, e um menor, a banho-maria, para a preparação dos perfumes. Ao entrar-se descobre-se toda a vasta instalação produzindo um magnífico effeito, e de qualquer ponto do edificio pôde-se fiscalizar todo o serviço. Toda a comunicação dos liquidos entre as dornas e os diversosapparelhos é feita por meio de torneiras e pelas bombas, o que facilita grandemente o trabalho com grande economia de pessoal.

A' tarde pelo trem das cinco horas voltaram todos os visitantes satisfeitos e bem impressionados pelo que viram.

ACTA DA INAUGURAÇÃO DA FABRICA DA EMPREZA VINICOLA DO BRAZIL

« Aos dez dias do mez de maio de mil novecentos e oito, no engenho Satuba, propriedade agricola do Sr. coronel Pedro de Araujo Lima, municipio de Santa Luzia do Norte, Estado de Alagôas, presentes, ás onze e meia horas do dia, o Exm. Sr. Dr. Euclides Vieira Malta, governador do Estado; Dr. Democrito Brandão Gracindo, coronel Jacintho de Medeiros, (senador estadual), coronel Pedro de Araujo Lima, Dr. Luiz Joaquim da Costa Leite, commendador Francisco Pinto Brandão, engenheiro João Pinto da Silva Vallé, Srs. João Carlos Leite Junior, Beraido Caldas, José Vicente de Araujo Tatá, Pharmaceutico Alvaro de Aquino Braga, Luiz da Rosa Machado, e eu, Joaquim Goulart de Andrade, primeiro secretario da Camara dos Deputados Estadoaes; percorrido o grande edificio da fabrica da Empresa Vinicola do Brazil, sob a firma Brandão, Costa & C., depois de examinados os differentes productos industriaes da mesma fabrica, que são vinhos e licores, todos derivados da canna de assucar, notadamente o chamado NECTAR DO BRAZIL, em seus varios typos de vinhos, foi dado por inaugurado pelo Exm. Sr. Dr. Euclides Malta o mesmo importante nucleo agricola-industrial. E para memoria, eu, Joaquim Goulart de Andrade, lavrei a presente que assigno com os presentes.

Satuba, 10 de maio de 1898.—*Euclides Vieira Malta, Pedro de Araujo Lima, Francisco Pinto Brandão, Dr. Luiz Joaquim da Costa*

Leite, Democrito Brandão Gracindo, Jacintho Medeiros, João Carlos L. Junior, Beraldo Caldas, Alvaro Aquino Braga, José Vicente Tatá, João Pinto da Silva Valle, Joaquim Goulart de Andrade, Luiz da Rosa Machado, Julio da Rocha Lins. »

Damos a seguir as analyses seguintes que muito abonam os productos da empresa de Satuba :

« Dr. Luiz de Carvalho e Mello, lente cathedratico de chimica mineral e analytica da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro — Boletim n. 128 — Analyses de duas amostras do producto NECTAR DO BRAZIL, pertencentes aos typos Moscatel e Particular :

ANALYSES :

Tendo procedido ás analyses do **Nectar do Brazil**, typos « Moscatel » e « Particular », de que fomos encarregados pelo Sr. Francisco Pinto Brandão, chegamos a conclusão de tratar-se de productos obtidos do caldo da canna de assucar cuja fermentação foi suspensa por processos puramente physicos.

A amostra typo « Particular » offerece riqueza alcoolica de 17°, deixa um extracto secco a 100° C. de 8,4 %, constituindo, em sua quasi totalidade, por saccharose e traços de glycose e contem apenas gr. 0,085 % de sulphato de potassio. A amostra typo « Moscatel », de 13° de riqueza alcoolica com um extracto secco a 100° C. de 12,2 %, tambem constituido, quasi totalmente, por saccharose e traços de glycose, encerra gr. 0,087 % de sulphato de potassio.

As bebidas analysadas, que apresentam côr ambreada, de tonalidades differentes, obtidas pelo caramello, revelaram absoluta ausencia de alcools superiores, agentes conservadores e outras substancias nocivas á saude.

O fino aroma e agradavel sabor, ao lado da média riqueza alcoolica, e absoluta ausencia de corpos nocivos, tornam o typo « Particular » do **Nectar do Brazil**, recommendavel como excellente bebida de mesa.

O typo « Moscatel » igualmente puro e de suave aroma, porém mais adocicado e menos rico em alcool, constitue uma boa bebida para paladares delicados. DR. LUIZ DE CARVALHO E MELLO. — ZELINO ANTONIO PINTO DE MIRANDA. — DR. OCTAVIO SEVERO. — Rio de Janeiro, 23 de junho de 1906.

Laboratorio Municipal de Analyses. — Visto — DR. PAIVA COELHO. — Director. Analyse n. 13. — Examinando o producto Ne-

ectar do Brazil (typo Moscatel) remetido pelo Sr. Francisco Pinto Brandão ao Laboratorio Municipal de Analyses, verifiquei pela analyse a que procedi : ser uma bebida natural produzida pela fermentação do succo da canna de assucar, não contendo substancias nocivas á saude e sendo o alcool empregado de boa qualidade.

Rio de Janeiro, 15 de junho de 1906. — O Chimico, Pharmaceutico DARIO FERREIRA PINTO.

Laboratorio Municipal de Analyses. — Analyse n. 14. — **Visto.** — DR. PAIVA COELHO. — Director. — A analyse a que submetti o producto denominado **Nectar do Brazil** (typo Particular), enviado por Francisco Pinto Brandão a este Laboratorio, revelou tratar-se de uma bebida natural produzida pela fermentação de succo da canna, em que não ha metaes toxicos, oriundos da fabricação ou manipulação, bem como substancias conservadoras nocivas á saude. O alcool empregado é de boa qualidade. — Rio de Janeiro, 15 de junho de 1906. — O Chimico auxiliar, Pharmaceutico — J. M. DA SILVA CASTOR.»



EXPEDIENTE

Secretaria

Correspondencia recebida :

Cartas	375
Officios	56
Telegrammas	51
Circulares	6

Correspondencia expedida :

Cartas	346
Officios	33
Telegrammas	154
Circulares	4.185
Noticias	68
Boletim « A Lavoura »	784

Fornecimento de arame

Foram satisfeitos 28 pedidos de arame farpado, feitos pelos senhores socios, com a extensão de 289.305 metros, tendo importado em 9:863\$500.

Igual quantidade se fosse adquirida no mercado teria custado 13:302\$ o que produziu uma economia para os socios, que se utilizaram da Sociedade Nacional de Agricultura, de 3:523\$500.

Visitas — Visitaram a sede desta Sociedade e deixaram consignadas suas impressões no respectivo livro de visitas, os Srs.: Dr. Francisco Isidoro Rodrigues da Costa, redactor da *Revista Agrícola* da Sociedade de Agricultura Alagoana, e Fernando Augusto de Albuquerque Sarmento, representante da Sociedade Alagoana de Agricultura.

Secção Technica

Correspondencia e Circular do Sr. Miguel F. do Monte, sobre o algodão — « Brazil—Mossoró, 12 de fevereiro de 1908 — Illm. Sr. Presidente da Sociedade Nacional de Agricultura — Rio de Janeiro.

Respeitavel Senhor — Confirmando a minha ultima a V. Ex. volto a assumptos de interesses dessa tão util quão humanitaria sociedade.

Por intermedio da Companhia Commercio e Navegação, dessa, remetto um encapado com lettreiro a essa sociedade contendo amostra de algodão, fructo de semente mandada vir do Egypto e distribuida por minha firma commercial M. F. do Monte & Cia, conforme circulares que distribuimos em fevereiro do anno passado.

Queira mandar procurar no escriptorio daquella companhia.

Reputo um producto sinão genuino quasi genuino, e peço submetter tal amostra a exame de entendido de fibra de algodão do Egypto, dignando-se dar-nos a sua classificação.

Devido a falta de inverno regular a producção dessa semente distribuida foi rara, porque muitos não plantaram receando perdel-a.

Essa amostra é producto de trechos de açudes. Não ha duvida que esta semente germina e produz em nossa região com muito proveito, e penso que será cultivada em larga escala tanto mais porque julgamo-nos com boa disposição para continuar na propaganda do cultivo do algodão em geral introduzindo-lhe as modificações e methodos praticos que alcançar de minhas observações experimentaes.

Incluo uma circular que acabamos de distribuir ao nosso povo.

Nella já demos alguma orientação das observações praticas que tenho ensaiado.

Peço para ella a valiosa attenção de V. Ex.

Temos trabalhado na propaganda de melhorar o acondicionamento, descaroçagem e plantio, e com prazer já registramos notavel melhora a todo respeito.

A qualidade de algodão sujo, de caroço, viciado, tem diminuido, augmentando o de boa qualidade.

A producção no geral tem augmentado, e todos os agricultores já conservam e zelam melhor os seus algodoaes.

Plantei observando as regras da circular inclusa, 40.000 cóvas de caroço, semente escolhida da melhor qualidade «Sea Island».

Nasceu muito bem, mas a estiada prolongada já matou muito.

Se tivesse poços artesianos servidos por moinhos de vento que é regular e certo aqui nada perderia porque estou convicto por ensaios que tenho feito, que o algodão prospera perfeitamente bem com irrigação, mesmo sem chuva alguma, nasce bem, cresce e produz vantajosamente.

Tenho prova pratica disto.

Julgo mui pratico o estabelecimento de poços nesta região até 20 leguas distante do littoral, nos valles dos rios, que denunciavam abundancia d'agua no sub-solo.

Com elles ficaria resolvido para aqui o problema das seccas, como ficou a superabundancia de sal depois das montagens dos moinhos a vento. Seria de grande conveniencia o Governo mandar abrir um poço para uma estação experimental.

Eu aederia o terreno, e tomava parte gratis na direcção de serviço, plantio, e irrigação.

Com uma estação experimental já se podia iniciar reproductores de gado de melhor raça, ao contrario tudo será frustrado por falta de forragem certa e apropriada.

Essa tão humanitaria quão util Sociedade, que prova tanta dedicação pela felicidade do paiz e que já tem colhido tantos fructos, prestaria um acto de caridade e patriotismo se conseguisse do Governo a abertura por *profissionais competentes* de um poço em qualquer parte apropriada do Norte, para uma estação experimental.

Não precisaria grandes poços—pequenos com capacidade para irrigar área regular.

Isto desbravado, particulares se moviam a introduzir em suas terras alguns poços.

Conto, essa Sociedade se voltará para o Norte, que possuindo terras uberrimas, vantagens naturaes que nenhuma outra, e gente invencivel pelo trabalho, força de vontade, de indole dirigivel e de facil assimilação ao ensino, verá em pouco tempo terminada tanta calamidade de seccas convertendo-se em larga producção e prosperidade a seus habitantes.

Com a minha estima e consideração subscrevo-me.

De V. Ex. Amigo e Obr.— *Miguel Faustino do Monte.*»

Circular — M. F. do Monte & C.

Illm. Sr.— Nosso ultimo trabalho foi em pequenos avulsos que fizemos distribuir, e recommenda-vos: «Plantae algodão no secco. Cobri vossas terras de algodoeiros, que vós e vossos gados tereis abundancia». Não foi intuito nosso dar palpite sobre probabilidades de chuvas; foi apenas lembrar aquillo que vós mesmos já tendes praticado em pequena escala. Vieram chuvas em janeiro; aquelles que plantaram no secco não estão longe de lucrar o trabalho. Conheceis bem o algodão. Foi proveitosa aquella lembrança? Avaliae vós mesmos.

E assim é que quando todas as vossas terras, mesmo essas capoeiras que consideraes cansadas, estiverem cobertas de algodoeiros, e que estes nos campos suppram a densidade do matto que derrubastes, tereis algodão em abundancia, e vossos gados encontrarão abundante forragem da melhor qualidade para resistirem a seccas e a repiquetes.

Por experiencia propria estamos habilitados a assegurar-vos que o algodão é a planta adequada e fadada para enriquecer nossa torrida região.

Temos plantado algodão «quebrado-preto», «Mocó» ou «sedinha» e algodão de caroço grande, pelludo-esverdeado. Isto, pensamos ser o de «Oeste» ou «New-Orleans» e aquelle o «Sea-Island», de Nova York.

O de caroço esverdeado recommendamos que seja semeado nos campos e capoeiras, para os gados. E' elle de fibra longa e forte, e resiste mais que todos aos rigores da secca, conservando verde folhagem, e dando fructos pelo verão, mesmo em terrenos duros, seccos, escalvados.

O «quebrado-preto» é tambem resistente, mas, a sua fibra é curta, além de que, produz menos durante o verão; e sendo esta a semente mais antiga entre nós, desde annos cultivada sem o menor cuidado na escolha, e por isso já de pessima qualidade, é forçoso que seja substituido pelo «Mocó» ou «sedinha», cuja fibra é longa, gorda, selosa; e, além disso, é elle o mais valorizado nos mercados consumidores. E' mais resistente do que aquelle; produz mais durante o verão; durante quatro ou cinco annos dá boa producção, e ha quem affirme produzir durante 10 a 20 annos. Recommendamos, pois, o «Mocó» ou «sedinha» como a qualidade preferivel a todos os respeito. E' indispensavel prestar attenção á semente; a semente má, sem o necessario desenvolvimento, chocha, colhida antes de tempo, não póde dar um arbusto vigoroso, capaz de boa producção.

A nossa attenção e nosso esforço devem preparar o largo cultivo do algodão. Paizes onde a cultura do algodão reclama maiores dispendios, e mais aturados cuidados, auferem enorme lucro dessa industria.

Quanto dispendemos em adubos, estrumes para nossas terras? Nada. Só esse facto dá-nos grande vantagem para a victoriosa competencia. Nosso sólo é uberrimo e ainda dispensa certas despezas de cultura. E' preciso, entretanto, outros cuidados e methodos adaptados ao clima e ás suas particularidades.

Sob esse ponto de vista o nosso descuido principia desde o abrir a cóva para a semente. Si quem deseja edificar uma casa esmera-se em cuidar do alicerce, é tambem indispensavel que em se tratando de plantar cuide-se da base para a planta; e esse alicerce é a cóva. Devemos abrir uma cóva larga, em certa profundidade, aterrando-a depois, até quasi meia, com terra frouxa, sem torrões; lançar então a semente sobre essa cóva e acabar de cobri-la. Esse systema é de clara vantagem, porque proporciona á planta em seus primeiros dias de terra germinação um sólo arejado e frouxo. Acresce ainda a vantagem de guardar a agua das chuvas em maior abundancia, e esta circumstancia só por si é de toda importancia, pois serão menos destruidores os effeitos dos constantes verões e periodos de estiagem: a planta poderá esperar mais.

A cóva larga afasta mais o matto da planta, que assim ainda poderá esperar mais pela limpa. Esta limpa nunca deverá ser feita para «escalvar» a terra. A terra escalvada fica sujeita aos fortes ardores do sol, que rapidamente extrahe-lhe toda humidade. E além disso a terra da superficie é cheia de detritos, paues, etc., si for arredada pela limpa para o meio das carreiras, tornar-se-á a terra mais esteril. Não arrumeis o matto em carreiras, em leirões: espalhao-o. Si for possivel cobrir a terra com palhas, capim secco, folhas, mais abrigada ficará ella dos raios solares e mais adubada estará. E' preciso acabar com o pernicioso systema de coivaras. Esses residuos seccos que são queimados, capins,ervas, resto das plantas anteriores não farão mal á nova planta: são forças de producção; a terra vegetal é optima para a prosperidade da lavoura. Quando muito, queimeis o matto secco mais posado que possa dificultar as limpas.

As limpas devem ser feitas antes que o matto cresça e ao redor da cova do algodão, ficando os espaços das carreiras com o matto; a terra ficará abrigada e não será destruída preciosa forragem.

Essas palavras, que tomamos a liberdade de vos dirigir, não tem por fim vos ensinar regra em vossa profissão. Observae, reparaee, sede cuidadosos em estudar vosso trabalho; assim vos dirigireis melhor e não andareis ás apalpadellas; trabalhae tambem um pouco para o bem geral, mandae informações uteis e proveitosas de vossas experiencias. Nos achareis sempre promptos para ouvil-as e, em vosso nome, fazel-as chegar ao conhecimento de tolos.

Com os cumprimentos de — *M. P. do Monte & C.*»

Machinismos para a mandioca—Recebemos do Sr. Dr. Manuel de Albuquerque, residente em Cantagallo, uma carta em a qual communica-nos este senhor ter achado muito elevado o orçamento, que os Srs. Arens & Comp. publicaram em um dos numeros passados d'*A Lavoura*, para machinismos para mandioca. Diz-nos mais achar-se habilitado a fornecer um engenho completo por 2:000\$, em tudo perfeitamente igual ao que os mesmos Srs. Arens & Comp. têm á venda.

Descascador Engelberg—Dos Srs. F. Upton & Comp. recebemos carta communicando-nos a remessa do seu Catalogo *C*, onde se encontra o descascador « Engelberg » que, dizem-nos os mesmos Srs., é hoje grandemente adoptado em S. Paulo.

Remetteram-nos ao mesmo tempo amostras de arroz e café beneficiados com este descascador americano, por onde se pôde bem evidenciar a verdade da sua asserção.

Museu

Na edição d'*A Lavoura* correspondente ao mez de outubro ultimo, publicamos a lista de nomes de madeiras de Cananéa (Estado de S. Paulo) cujas amostras, extrahidas por ordem desta Sociedade, se acham convenientemente preparadas no respectivo Museu.

Substituímos agora aquella lista pela que segue abaixo, na qual não só seguimos a ordem alphabetica, para mais facil consulta, como tambem fazemos o numero de ordem corresponder ao das monographias que temos publicado e ao das que continuarmos a publicar.

1. Aleixo.
2. Almecega branca.
3. » vermelha.
4. Araçá de fructo.
5. » péba.
6. » pyranga.
7. » vermelho do pequeno.
8. Arapaçu grande.

9. Arapaçu pequeno.
10. » » (cerne)
11. Araribá amarello.
12. Araticum cortiça.
13. » do morro.
14. Aroeira branca.
15. » vermelha.
16. » » (raiz)

17. Bacopary.
18. Baguassú.
19. Batatá.
20. Batitô-pequeno.
21. Betarú branco.
- 21 A. Betarú branco (outra amostra).
22. Bucuhuva grande.
23. Caandapuva grande.
24. » pequena.
25. Cabreúva parda.
26. Cabreuva vermelha.
27. » » (cerne).
28. Cae-e-levanta.
29. Caféeiro.
30. Cahuna branca.
31. » roxa.
32. Caixeta branca.
33. » vermelha.
34. Cambará Guassú.
35. Cambuhy amarello.
36. » preto.
37. Canella amarella da arêa.
38. » » do barro.
39. » anhuiba amarella.
40. » catinguda.
41. » de veado.
42. » nhojiçára.
43. » nhopissuma.
44. » nhumirim branca.
45. » » vermelha.
46. » nhunguvira branca.
47. » Paulo Teixeira.
48. » sassafras amarella da arêa
49. » » » do barro.
50. Cangerana.
51. Capororoca pequena.
52. » ussú.
53. » vermelha.
54. Caquera femer.
55. Caroba branca.
56. » roxa.
57. Carvalho branco.
58. » vermelho.
59. Cataya vermelha.
60. Catiguá
61. Caujuja branca.
62. Caujuja vermelha.
63. Cedro grande.
64. » » (raiz).
65. Crindiúva.
66. Cuayrana.
67. Cubatan branco.
68. » vermelho da arêa.
69. » » do barro.
70. Capiuva branca.
71. Espinho de judeu.
- 71 A. Espinho de judeu (outra amostra).
72. Estopa.
73. Figueira grande.
74. Gracuhy do Grande.
75. Grão de gallo.
76. Guabiroba do matto.
77. » domestica.
78. Guacá de onda.
79. Guachichin.
80. Guajupiroca da arêa.
81. » de folha grande.
82. Guajuruvá.
83. Guanandy-carvalho.
84. » cedro.
85. » piolho.
86. Guapéba vermelha.
87. Guaraparin.
88. Guaricica branca.
89. » vermelha.
90. Guatambú da arêa.
91. » do barro.
92. Guayrana amarella.
93. » branca.
94. Guriatan vermelho da arêa.
- 94 A. » » do barro.
95. Guruguva.
96. Herva cidreira.
97. Imbirussú vermelho.
98. Ingá branco.
99. Ipé tabaco.
100. » »
101. » »
102. Ipeuva.
103. Jaboticabeira.
104. Jacarandá branco.
105. » pytanga.

- | | |
|----------------------------------|------------------------------|
| 106. Jacarandá pytanga. (cerne). | 136. Picherica-ussú. |
| 107. » rosa. | 137. Pimentinha. |
| 108. » roxo. | 138. Pindaúva parda da arêa. |
| 109. » una. | 139. » » do barro. |
| 110. Jacarépíra branco. | 140. » vermelha. |
| 111. » vermelho. | 141. Pinho vermelho. |
| 112. Jacatahuva. | 142. Pitaguará amarello. |
| 113. Jacatirão de flor. | 143. » branco. |
| 114. Limãosinho. | 144. Seriuva grande. |
| 115. Majaruvoca vermelha. | 145. Simbiuva. |
| 116. Mamãosinho. | 146. Tabucuhva branca. |
| 117. Mandaguahu pardo. | 147. » vermelha. |
| 118. Mandiparana. | 148. Tajuba do morro. |
| 119. Mangue manso. | 149. » » » |
| 120. Manguerana. | 150. » » sambaqui. |
| 121. Maria molle. | 151. Taruman da arêa. |
| 122. Maricá. | 152. » do barro. |
| 123. Marmeleiro do matto. | 153. Timbouva poca. |
| 124. Massaranduba grande. | 154. Urucurana branca. |
| 125. » pequena. | 155. » pequena. |
| 126. Mochita vermelha. | 156. Uvalha. |
| 127. Murta. | 157. Uvatinga. |
| 128. Nogueiro. | 158. Vamirim branco. |
| 129. Oleo branco. | 159. » ferro. |
| 130. Olho de cabra. | 160. » vermelho. |
| 131. Paipuna grande. | 161. Vapuronga. |
| 132. Papaguêla vermelho da arêa. | 162. Vuape branco. |
| 133. Paratudo. | 163. » do morro. |
| 134. Páo David. | 164. » vermelho. |
| 134 A. Páo sangue. | 165. Vuapericica. |
| 135. Peroba rosa. | |

NOTICIARIO

Cultura do trigo — Pelo Sr. Homero Baptista foi apresentado a Camara dos Deputados o seguinte projecto que visa fomentar em nosso paiz a cultura do trigo :

O Congresso Nacional decreta :

Art. 1.º E' concedida a qualquer syndicato ou cooperativa agricola que cultivar o trigo a subvenção annual de 15:000\$ (quinze contos de réis).

Art. 2.º Essa subvenção será paga em prestações trimestraes, durante o praso de cinco annos.

Art. 3.º Sómente gosará dos favores desta lei o syndicato ou cooperativa agricola que provar :

- a) achar-se organizada de conformidade com a legislação vigente ;
- b) abranger a plantação de trigo uma área superior a 200 hectares ;
- c) manter na direcção da cultura de trigo um tecnico de reconhecida competencia e pratica comprovada.

Art. 4.º Quando se reunirem cinco ou mais syndicatos ou cooperativas, que satisfaçam as condições desta lei, para o fim especial de estabelecerem campos de experiencias e laboratorios aparelhados para o estudo de entomologia, phytopathologia, microbiologia, physica, chimica e meteorologia agricolas, perceberão conjunctamente, e por espaço de cinco annos, a subvenção annual de 30 contos.

Art. 5.º Ficam isentos de impostos aduaneiros as machinas e instrumentos agricolas apropriados ao arroteamento e amanho da terra e à colheita e beneficiamento dos respectivos productos ; os adubos e insecticidas, as machinas e aparelhos destinados á purificação e á preparação de massas alimenticias e outros productos do trigo ; as machinas e aparelhos destinados aos laboratorios, postos meteorologicos e campos de experiencia e demais instrumentos necessarios ao mesmo fim — quando importados para uso exclusivo dos syndicatos e cooperativas.

Paragrapho unico. Os importadores retirarão esses objectos mediante simples requerimentos aos inspectores das alfandegas e administradores das mesas de rendas.

Art. 6.º Um anno depois de posta em execução esta lei, providenciará o governo para que, nos Estados onde existam syndicatos ou cooperativas para cultura do trigo, sejam os seus productos preferidos nas concorrências publicas federaes.

Art. 7.º O governo promoverá accordo com as estradas de ferro, emprezas de navegação e outros meios de transportes para a redução dos fretes dos productos de trigo.

Art. 8.º As associações subvencionadas em virtude desta lei são obrigadas :

a) a prestar á Directoria Geral de Estatistica e aos Ministerios da Agricultura e da Fazenda as informações que lhes forem requisitadas ;

b) a apresentar annualmente o relatorio dos trabalhos executados durante o anno com minuciosas informações dos estudos realizados, das observações feitas e dos resultados colhidos ;

c) a facilitar aos agricultores, que o solicitarem, a visita dos seus campos de cultura e laboratorios, prestando-lhes as informações e facultando-lhes os meios de adquirirem conhecimentos praticos sobre cultura de trigo.

Art. 9.º O governo, no respectivo regulamento, estabelecerá as regras para a fiscalização das associações subvencionadas por força desta lei.

Art. 10. São revogadas as disposições em contrario.

Sala das sessões, 10 de junho de 1908. — *Homero Baptista.* — *Diogo Fortuna.* — *J. Simeão Lopes.* — *João Abbott.*

A estatistica da producção dos cereaes no mundo
— Trigo — 3.160 milhões de alqueires, correspondendo a 86 milhões de toneladas metricas : o alqueire vale litros 36,6 e pesa kilos 27,2.

— Tres paizes produzem a metade dessa cifra : os Estados Unidos, 600 milhões de alqueires ; a Russia, 541 ; a França, 328. Os demais paizes são, por ordem : India,

286 ; Italia, 159 ; Allemanha, 128 ; Hungria, 120 ; Hespanha, 115 ; Argentina, 101 milhões de alqueires.

Milho — 2.896 milhões de alqueires ou 73.500.007 toneladas metricas. Só os Estados Unidos produzem 2.286 milhões de alqueires.

Aveia — 3.371 milhões de alqueires ou 49 milhões de toneladas metricas : Estados Unidos, 871 milhões de alqueires ; Russia, 825 ; Allemanha, 494 ; França, 268 ; Canada, 204 ; Austria-Hungria, 196.

Centeio — Mais da metade é produzida pela Russia : 890 milhões de alqueires ; Allemanha, 372.

Cevada — Russia, 197 milhões de alqueires ; Allemanha, 145 ; Estados Unidos, 114 ; Japão, 80.

Arroz — China, 24.500.000 toneladas metricas ; India, 21.700.000. A produção mundial é quasi igual a do trigo.

Alpiste — India, 542 milhões de alqueires ; China, cerca de 500 milhões ; Russia da Europa, 78 ; Russia da Asia, 45 ; Japão, 12 ; Estados Unidos, 5 milhões de alqueires.

Segundo uma recente communicacão apresentada a Sociedade Nacional de Agricultura da França, vende-se em Vienna o leite puro por 20 centimos o litro. Em Paris, compram-no por 20 centimos o litro os vendedores á retalho e dão-no ao consumo por um preço que varia de 25 a 40 centimos. Em Berlim, o preço invariavel é de 20 centimos o litro. O exemplo que offerece Londres é ainda mais surpreendente. Nessa cidade, com uma população de cerca de 6.000.000 de habitantes e onde se dá actualmente uma crise de leite, originada não por escassez, mas por não quererem os retalhistas pagar alguns centimos mais exigidos pelos proprietarios de estabulos, ha grandes difficuldades de abastecimento ; mas ainda assim retalha-se o artigo na razão de 40 centimos o litro, preço este alli considerado exorbitante !

Aqui, no Rio de Janeiro, o litro de leite custa 600 réis e mais !...

Empregando os cactos para alimentação do gado, transformaram os americanos esse flagello de suas planicies em um precioso recurso. Diz o *Journal d'Agriculture Tropicale*, que, depois que a attenção se volveu para os empregos novos do alcool desnaturado, pensa-se em aproveitar o cacto como productor do alcool. Parece mesmo que vae adiantar essa tentativa e com resultados satisfactorios, visto como em certos pontos do Texas occidental, já se começa a trabalhar com alambiques portateis.

Segundo informa o *Financial News*, organiza-se um syndicato para crear no Brazil uma empresa de exportação de gado. E' excellente essa idéa, diz o *Messenger de São Paulo*, pois que a Inglaterra manda buscar carneiros e mais gado em navios frigorificos, que effectuam a viagem da Nova Zembla á Inglaterra, ou tres vezes mais a distancia que a separa do Brazil e estamos persuadidos que o Governo Federal tem o maior interesse em facilitar a installação de semelhantes companhias.

Não só a criação dessa nova exploração agrícola servirá para augmentar o commercio de exportação, como desenvolverá o consumo interior do paiz, que sente falta de carne fresca, especialmente os Estados do norte do Brazil, como o Pará e o Amazonas, que importam grande quantidade de carne secca da Republica Argentina.

. . .

Em um artigo publicado na *Reforme Sociale*, estuda o Sr. Dufourmantelle o credito agricola na França, na Allemanha, na Italia e na Hungria :

« Foi a Prussia, diz elle, o foco de onde sahiu a idéa primeira do credito cooperativo, de que é a Allemanha a terra classica e o mais rico centro de expansão. Na Italia, um sopro poderoso de solidariedade social vivifica todas as associações agricolas ; na Hungria, as associações fedoradas se substituem progressivamente á acção do Estado. Na França, data de 1889 o despertar da idéa do credito cooperativo. A iniciativa particular contribuiu para isso, ao mesmo tempo que a intervenção financeira do Estado, pondo á disposição das caixas regionaes do credito agricola adiantamentos temporarios e gratuitos. Resta, porém, completar a obra, inspirando ás populações ruraes as medidas a realizar pela organização das federações e pelo emprego sabiamente comprehendido dos recursos e das economias locais. »

. . .

Na adubação do fumo, o azote facilita e contribue para o desenvolvimento da folha. Um excesso de azote é prejudicial, porque retarda a maturação e faz elevar a porcentagem de nicotina.

O acido phosphorico é indispensavel na adubação do fumo, como nas diferentes culturas, mas a sua acção não está estudada : é apenas reconhecido que basta empregar-o em quantidades moderadas.

Os saes de potassa são de grande importancia na cultura do fumo. A potassa, tanto ou mais do que o azote, contribue para o devido desenvolvimento da folha e além disso tem uma influencia directa na combustibilidade do fumo. O chlorureto de potassio diminue as condições da combustibilidade ; ao passo que o sulfato de potassio a facilita ; pelo que na adubação do fumo é indispensavel o seu emprego.

Os elementos fertilizantes preferiveis para adubação do fumo são : nitrato de sodio, phosphato de cal e sulfato de potassio.

. . .

Acaba de realizar-se, dizem os jornaes europeus, o fabrico de lã, graças á agua do mar. Os resultados obtidos têm sido estupendos e maravilhado ainda aos mais scepticos. E' obtido esse textil pela precipitação de soluções cellulosicas pela agua do mar. A cellulose encontra-se em toda a parte e a agua do mar nada custa. Assim, pois, pôde-se fabricar facilmente esse novo textil, que se presta a ser fiado do mesmo modo que o algodão ou a lã.

. . .

Segundo o *Mois Colonial et Maritime*, o commercio da juta, nestes ultimos tempos, tem tido consideravel incremento. A Inglaterra, a Allemanha, os Estados

Unidos, a Austria e a Italia empregam grande quantidade desse textil, que mandam vir de Bengala, onde cultiva-se a maior parte da juta empregada no mundo. Na França, a industria da juta faz viver a cêrca de 30.000 pessoas e de 82.056 toneladas em 1898, a quantidade da juta importada e empregada no consumo subiu a 118.911 toneladas em 1902, a 72.000 em 1903, a 87.164 em 1904 e a 97.366 em 1906.

..

O girasol é cultivado em certos paizes para usos industriaes, especialmente na Russia, nas provincias do norte e do caucaso. Das sementes extrahe-se um oleo que serve para o fabrico do sabão e mesmo como oleo de cosinha. As hastes e as folhas são incineradas para estrahir-se a potassa. Em 1907, as cinzas do girasol renderam, nas 24 fabricas do Caucaso, 15.000 toneladas de potassa.

Saloxo — Acha-se exposto no pavilhão da Sociedade Nacional de Agricultura o «Saloxo» sal especial para gado. Este sal é um sal desnaturado, destinado unicamente ao consumo do gado bovino, lanigero e cavallar. E' preparado com o sal gemma hungaro, o mais puro até hoje conhecido, com addicionamento de oxydo de ferro vermelho e de pós de losna, sendo este preparado absolutamente innocuo, como está provado pelas experiencias praticas feitas em estabelecimentos zootechnicos do Governo Hungaro, manifestando ao contrario propriedades apperitivas e digestivas na boa alimentação dos animaes. Folhetos com demais informações acharão os interessados juntamente com o producto exposto no pavilhão da Sociedade Nacional de Agricultura.



PARTE COMMERCIAL

Agosto de 1908

Café

Venderam-se 176.000 saccas contra 138.000 no mez anterior.

Entraram 287.287 saccas contra 240.761 saccas no mez anterior.

Os embarques foram : 235.171 saccas contra 190.793 no mez anterior.

Existencia em 15 de agosto: 325.942 saccas; em 31 de agosto: 331.320 saccas.

Os extremos das cotações foram :

1ª quinzena

	Por arroba	Por 10 kilos
Typo n. 6.	5\$500 a 5\$600	3\$744 a 2\$813
» » 7.	5\$100 » 5\$200	3\$472 » 3\$540
» » 8.	4\$800 » 5\$900	3\$268 » 3\$336
» » 9.	4\$500 » 4\$600	3\$064 » 3\$132

2ª quinzena

	Por arroba	Por 10 kilos
Typo n. 6.	5\$500 a 5\$700	3\$744 a 3\$881
» » 7.	5\$100 » 5\$300	3\$472 » 3\$608
» » 8.	4\$800 » 5\$000	3\$238 » 3\$404
» » 9.	4\$500 » 4\$700	3\$064 » 3\$200

Em Nova York, o typo 7, disponível, foi cotado a 5 ¹⁵/₁₆ c. por libra e o de Santos a 7 ⁵/₁₆ c. durante todo o mez.

Na Bolsa os seguintes preços registraram-se: 5.65 c. em 1, 11, 12 19, 20 e 31; 5.60 c. em 3, 6, 7, 8, 10, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 22 e 29; 5.55 c. em 4, 27 e 28; 5.50 c. em 5, 24 e 26.

Entradas no Rio de Janeiro, detalhadamente :

1ª quinzena

	Saccas
Estrada de Ferro Central do Brazil.	52.268
Cabotagem	4.141
Barra dentro.	69.539
Total.	125.949

2ª quinzena

	Saccas
Estrada de Ferro Central do Brazil.	56.336
Cabotagem.	5.728
Barra Dentro.	99.274
Total.	161.338

Generos importados

Qualidade	Quantidade	Preços
Carne secca	28.832 fardos:	

1ª quinzena

Rio Grande (systema antigo)	Não ha
Dita (systema platino) nova	\$660 a \$720
Rio da Prata, nova, patos e mantas.	\$660 » \$760
Ditas idem, manta só	\$700 » \$800

2ª quinzena

Rio Grande (systema antigo)	Não ha
Dita (systema platino) nova	\$660 » \$720
Rio da Prata, nova, patos e mantas.	\$680 » \$740
Ditas idem, manta só	\$760 » \$820
Farinha de trigo	19.800 barricas

1ª quinzena

Americana (barrica)		Não ha
» (secca).		» »
Rio da Prata:		
		Por 2 saccas
Primeira qualidade.		23\$500
Segunda »		22\$500
Terceira »		21\$500
Moinho Inglez:		
Nacional		23\$500
Brazileira.		22\$700
Buda-Nacional		24\$700
Moinho Fluminense:		
S. Leopoldo		24\$000
O. O		23\$000

2ª quinzena

Americana (barrica)		Não ha
» (secca)		» »
Rio da Prata:		
		Por 2 saccas
Primeira qualidade.		24\$000
Segunda »		23\$000
Terceira »		22\$000
Moinho Inglez:		
Nacional		23\$500
Brazileira.		22\$700
Buda-Nacional		24\$700
Moinho Fluminense:		
S. Leopoldo		24\$000 a 24\$500
O. O		23\$000 » 23\$500

1ª quinzena

Manteiga — 517 caixas:		
Demagny, Isigny (latas sortidas).		2\$500 a 2\$550
Brétel Frères (latas sortidas).		2\$200 » 2\$240
Lepelletier.		2\$470 » 2\$480
Modesto Gallone (sortidas).		1\$850 » 1\$950
Esbousen		Não ha
L. Brum		2\$500 a 2\$550
Buske Junior.		2\$350 » 2\$360
Marclet.		2\$200 » 2\$220
Outras marcas		1\$800 » 2\$000
A nacional vendeu-se: a de Minas, de 3\$200 a 3\$500 e a do Sul, de 2\$400 a 2\$700.		

2ª quinzena

Demagny, Isigny (latas sortidas).	2\$540 a 2\$550
Brétel Frères (latas sortidas).	2\$220 » 2\$250
Lepelletier.	2\$470 » 2\$480
Modesto Gallone (sortidas).	1\$850 » 1\$950
Esbousen	2\$500 » 2\$520
L. Brum	2\$540 » 2\$550
Buske Junior.	2\$350 » 2\$360
Marclet.	2\$200 » 2\$220
Outras marcas.	1\$80 » 2\$000

A nacional vendeu-se: a de Minas, de 3\$000 a 3\$400 e a do Sul, de 2\$400 a 2\$700.

Generos nacionaes

Aguardente

Houve grandes as entradas da quinzena, pois reflectiram muito na segunda, registrando grande baixa nos preços.

1ª quinzena

As cotações por pipa de 480 litros, base de 20 grãos, regularam as seguintes:

	Preços
Paraty	190\$000 a 198\$000
Angra	180\$000 » 185\$000
Campos	165\$000 » 170\$000
Maceió	165\$000 » 170\$000
Bahia.	165\$000 » 170\$000
Pernambuco	165\$000 » 170\$000
Aracajú	165\$000 » 170\$000
Sul	165\$000 » 170\$000

2ª quinzena

Paraty	165\$000 a 175\$000
Angra	155\$000 » 160\$000
Campos	145\$000 » 150\$000
Maceió	145\$000 » 150\$000
Bahia	145\$000 » 150\$000
Pernambuco	145\$000 » 150\$000
Aracajú	145\$000 » 150\$000
Sul	145\$000 » 150\$000

Alcool

No principio do mez o mercado conservou-se firme, tendo sido regulares as entradas, fechando frouxo para o fim do mez, como abaixo damos:

<i>1ª quinzena</i>		Preços
40 grãos.		290\$000 a 300\$000
38 »		270\$000 » 280\$000
36 »		260\$000 » 270\$000

<i>2ª quinzena</i>		
40 grãos.		230\$000 a 290\$000
38 »		260\$000 » 270\$000
36 »		250\$000 » 260\$000

Algodão em rama

Neste genero houve baixa do mercado, na 1ª quinzena, devido ás noticias desfavoraveis de Liverpool, continuando na segunda quinzena, havendo, porém, alguma estabilidade ao fechar o mez.

<i>Primeira quinzena</i>		
Entradas :		
Parahyba.		1.794
Natal		1.100
Pernambuco		417
Mossoró		304
Ceará		235
		24.483
Saídas dos trapiches		5.339
Existencia no dia 31.		19.144

Preços :		
Pernambuco.		9\$000 a 9\$800
Parahyba.		9\$000 » 9\$600
Ceará		9\$700 » 10\$000
Penedo		Nominal
Sergipe		Nominal
Maranhão.		Nominal

<i>Segunda quinzena</i>		
Entradas :		
Parahyba.		2.959
Pernambuco		1.300
Mossoró		1.051
Natal		800
Piauí		619
Assú		320
Maranhão.		236
		26.545

Sahidas dos trapiches	5,912
Existencia no dia 15.	20,633

Preços :

Pernambuco.	10\$000 a 11\$000
Parahyba.	9\$600 » 11\$000
Ceará	9\$300 » 11\$000
Penedo	Nominal
Sergipe	Nominal
Maranhão.	Nominal

Assucar

Nullos foram os negocios e os compradores de todo o mez, conservando-se estes quasi que numa posição de expectativa diante das volumosas entradas de Campos, sendo o preço de quasi todas as qualidades fixado na 2ª quinzena.

Primeira quinzena

Os preços regulam como se segue :

Pernambuco :

Branco usina.	— —
Dito crystal	\$500 a \$520
D.to 3º sorte	\$500 » \$520
Crystal amarello.	\$440 » \$450
Mascavinho	\$400 » \$450
Somenos	\$420 » \$430
Mascavo bom.	\$345 » \$350
Dito regular	\$340 » \$345
Dito baixo.	\$330 » \$335

Sergipe :

Branco crystal	\$500 a \$520
Mascavinho	\$420 » \$450
Mascavo bom.	\$345 » \$350
Dito regular	\$340 » \$345
Dito baixo	\$330 » \$335

Campos :

Branco crystal	\$520 a \$540
Dito 2º jacto	\$500 » \$510
Crystal amarello.	\$460 » \$470
Mascavinho	\$420 » \$460

Bahia :

Branco crystal.	\$510 a \$520
Dito 2º jacto	— —
Mascavinho	— —

Outras procedencias:

Mascavinho	— —
----------------------	-----

Segunda quinzena

Os preços regularam como se segue :

Pernambuco :

Branco usina	—	—
Dito crystal	\$500 a	\$520
Dito 3ª sorte	\$500 »	\$520
Crystal amarello	\$420 »	\$440
Mascavinho	\$410 »	\$440
Somenos	\$420 »	\$430
Mascavo bom	\$340 »	\$350
Dito regular	\$330 »	\$335
Dito baixo	—	\$320

Sergipe :

Branco crystal	\$500 a	\$520
Mascavinho	\$400 »	\$450
Mascavo bom	\$340 »	\$350
Dito regular	\$330 »	\$335
Dito baixo	—	\$320

Campos :

Branco crystal	\$530 a	\$540
Dito 2º jacto	\$480 »	\$500
Crystal amarello	\$450 »	\$460
Mascavinho	\$390 »	\$460

Bahia :

Branco crystal	\$510 a	\$530
Dito 2º jacto	—	—
Mascavinho	—	—

Outras procedencias :

Mascavinho	—	—
----------------------	---	---

Cereaes

Regularam os preços :

	Saccos
Feijão preto de Porto Alegre, novo	Nominal
Dito idem da Terra Nova	10\$000 a 10\$500
Dito idem de Santa Catharina	Nominal
Dito do Paraná	Nominal
Dito mulatinho	Nominal
Dito manteiga	18\$000 a 20\$000
Dito enxofre	12\$000 » 13\$000
Dito de cores, nacional	7\$000 » 10\$000
Dito branco, estrangeiro	20\$000 » 21\$000
Dito amendoim, idem	19\$500 » 20\$000
Farinha de mandioca, especial	10\$000 » 10\$500
Dita idem, fina	9\$000 » 9\$500
Dita idem, peneirada	8\$500 » 9\$000
Dita idem, do Norte	—

Farinha de mandioca, grossa, Laguna	6\$600 a 6\$800
Dita idem idem, Porto Alegre	6\$400 » 6\$600
Arroz nacional	23\$000 » 26\$000
Dito inferior.	16\$000 » 20\$000
Milho amarello do Norte	Não ha
Dito idem da terra.	7\$300 a 7\$500
Dito misturado, idem	6\$800 » 7\$000
Amendoim em casca	8\$000 » 9\$000
Cangica	15\$000 » 16\$000
Favas	8\$000 » 8\$500
Kilogramma	
Alpiste.	\$360 a \$380
Batatas nacionaes	\$180 » \$200
Dita estrangeira.	Nominal
Fubá de milho	\$130 a \$200
Matte em folha	\$400 » \$500
Tapioca	\$360 » \$400
Polvilho	\$180 » \$200
Carne de porco	\$600 » \$640
Linguas do Rio Grande (uma).	1\$000 » 1\$200
Cebollas do Rio Grande (cento)	4\$000 » 4\$200

Fumo em rôlo

	Preços
De Minas, especial	1\$600
Dito superior	1\$100
Dito 2ª	1\$200
Dito ordinario.	1\$000
Goyano, superior.	2\$100
Dito 2ª	1\$700
Baixo	Nom.
Rio Novo, superior	2\$200
Dito 2ª	1\$600
Dito baixo	1\$000
Pomba, superior.	1\$600
Dito 2ª	1\$200
Dito baixo	Nom.
Carangola	1\$400
Picú, especial.	2\$600
Dito 1ª	2\$000
Dito 2ª	1\$000
Bahia	1\$100
Pernambuco	Não ha

Sal

Entraram 7.676.116 kilos por cabotagem, do nacional, que se cotou de 2\$200 a 2\$400 por 40 litros.

Mercado monetario

Existencia de ouro na Caixa de Conversão :

EM 15 DE AGOSTO

Libras esterlinas	5.403.255
Franco	10.396.470
Dollars	127.935
Liras	440
Pesos argentinos	2.750
Marcos	100
Ouro nacional	148:870\$000

EM 31 DE AGOSTO

Libras esterlinas	5.375.870
Franco	10.378.150
Dollars	128.235
Liras	120
Pesos argentinos	2.450
Ouro nacional	150:540\$000

A importância de notas conversíveis em circulação era 93.760:420\$000.

O preço dos soberanos, fora da Bolsa, foi de 16\$025.

CAMBIO

As taxas officiaes continuaram a manter-se inalteradas, a 15 1/8 d. sobre Londres nos bancos estrangeiros e 15 3/16 d. no Banco do Brasil. As transacções bancarias fizeram-se a esses extremos e as do outro papel de 15 5/32 a 15 3/16 d., não se registrando movimento digno de nota.

Os extremos das cotações officiaes foram :

Londres, 90 d/v.	15 1/8 e 15 3/16 d.
Paris, 90 d/v.	\$629 a \$632
Hamburgo, 90 d/v	\$776 » \$779
Portugal, 3 d/v.	318 » 325 %
Italia, 3 d/v.	\$633 » \$639
Nova York, à vista.	3\$288 » 3\$310
Vales, ouro	— 1\$793

O valor official do mil réis foi de 560 a 563 réis, ouro, e o da libra de 15\$803 a 15\$868.

Agio de ouro 77,77 a 78, 51 %.



BIBLIOGRAPHIA

Recebemos mais as seguintes publicações periodicas, com as quaes permu-
taremos:

La Rivista Verde, órgão do Instituto Internacional de Agricultura, de Roma.
—Anno IV, ns. 6 e 7.

Jahresbericht der Königlichen Landwirtschaftlichen Hochschule in Berlin.—
Anno XVI.

Revue de Viticulture.—Anno 15º, tomo XXX, n. 764.

Università Commerciale Luigi Bocconi.—Annuario do anno escolar 1907—1908.

Bollettino della Arboricoltura Italiana — Anno IV, II trimestre.

The Journal of the College of Agriculture Tohoku Imperial University, de
Sapporo (Japão).—Vol. III, part. I.

Revista da Academia Cearense.—Tomo XIII, 1908.

Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará.—Tomo sexto.

Temos ainda a registrar com os nossos agradecimentos o recebimento dos
seguintes trabalhos :

O Estado Moderno e a Agricultura, pelo Sr. Dr. A. Gomes Carmo. Rio de
Janeiro, 1908.

Interesses Economicos da Lavoura pelo Sr. Dr. João do Carvalho Borges
Junior. Rio de Janeiro, 1908.

Pequeno Conselheiro Pratico de Horticultura. Publicação do Centro de Expe-
riencias Agricolas do Kalisyndikat.

Flora Textil do Paraná pelo capitão Domingos Nascimento. Curitiba, 1908.

Exposição Nacional de 1908. Catalogo geral do Estado de S. Paulo.

*Asociación Rural del Uruguay — Reglamento — Programa de la Exposicion
Nacional Anual de Animales a Galpon* a celebrar-se em Montevideo em 1908.

Manurial Experiments with Sugar Cane in the Leeward Islands, 1906-1907.—
Publicação do Imperial Department of Agriculture for the West Indies.

Estatística Agrícola e Zootechnica no Anno Agrícola de 1904-1905, de Espirito
Santo do Turvo, Una, Pereira e Boa Vista das Pedras.

CATALOGOS

*Catalogue des Ouvrages sur les Cultures Coloniales et les Productions des
Colonies*. Augustin Challamel, 17, rue Jacob, Paris, 1903.

The Blymyer Iron Works Company. Machinas modernas para o serviço geral
das fazendas de canna, café e arroz ; installações de motores, etc.

Caldeiras de vapor. Catalogo illustrado n. 1.141. São unicos agentes dos fabri-
cantes Ruston, Proctor & Comp., limited, Lincoln, Inglaterra, no Rio de Janeiro,
os Srs. Victor Islaender & Comp.

Machinas a vapor. Bombas centrifugas, elevadores e cabrestantes a vapor,
motores a petroleo « Ruston ». Catalogo illustrado n. 1.148, da fabrica Ruston,
Proctor & Comp., limited, Lincoln.

Machinas para plantações. Catalogo illustrado n. 1.147, Ruston, Proctor &
Comp., Lt., Lincoln.

Haage & Schmidt. Catalogo de Flores, plantas e sementes para 1908.

ESTATUTOS

CAPITULO II

DOS SOCIOS

Art. 8.º A sociedade admitte as seguintes categorias de socios :

Socios effectivos, correspondentes, honorarios, benemeritos e associados.

§ 1.º Serão socios effectivos todas as pessoas residentes no paiz que forem devidamente propostas e contribuirem com a joia de 15\$ e a annuidade de 20\$000.

§ 2.º Serão socios correspondentes as pessoas ou associações, com residencia ou séde no estrangeiro, que forem escolhidas pela Directoria, em reconhecimento dos seus meritos e dos serviços que possam ou queiram prestar á sociedade.

§ 3.º Serão socios honorarios e benemeritos as pessoas que, por sua dedicação e relevantes serviços, se tenham tornado benemeritos á lavoura.

§ 4.º Serão associadas as corporações de character official e as associações agricolas, filiadas ou confederadas, que contribuirem com a joia de 30\$ e a annuidade de 50\$000.

§ 5.º Os socios effectivos e os associados poderão se remir nas condições que forem preceituadas no regulamento, não devendo, porém, a contribuição fixada para esse fim ser inferior a dez (10) annuidades.

Art. 9.º Os associados deverão declarar o seu desejo de comparticipar dos trabalhos da sociedade. Os demais socios deverão ser propostos por indicação de qualquer socio e apresentação de dois membros da Directoria e ser acceitos por unanimidade.

Art. 10. Os socios, qualquer que seja a categoria, poderão assistir a todas as reuniões sociaes, discutindo e propondo o que julgarem conveniente; terão direito a todas as publicações da sociedade e a todos os serviços que a mesma estiver habilitada a prestar, independentemente de qualquer contribuição especial.

§ 1.º Os associados, por seu character de collectividade, terão preferencia para os referidos serviços e receberão das publicações da sociedade o maior numero de exemplares de que esta puder dispor.

§ 2.º O direito de votar e ser votado é extensivo a todos os socios; é limitado, porém, para os associados e socios correspondentes, os quaes não poderão receber votos para os cargos de administração.

§ 3.º Os socios perderão sómente seus direitos em virtude de expontanea renuncia ou quando a assembléa geral resolver a sua exclusão por proposta da Directoria.

REGULAMENTO

CAPITULO VI

DOS SOCIOS

Art. 18. A sociedade prestará seus serviços de preferencia aos socios e associado quando estiverem quites com ella.

Art. 19. A joia deverá ser paga dentro dos primeiros tres mezes após a sua accitação.

Art. 20. As annuidades poderão ser pagas por prestações semestraes.

Art. 21. Os socios e os associados se poderão remir mediante o pagamento das quantias de 200\$ e 500\$, respectivamente, feito de uma só vez e independente da joia, que deverão pagar em qualquer caso.

Art. 22. Os socios e associados não poderão votar, nem receber o diploma, sem terem pago a respectiva joia.

§ 1.º O socio que tiver pago a joia e uma annuidade, poderá remir-se mediante a apresentação de 20 socios, desde que estes tenham igualmente satisfeito aquellas contribuições.

§ 2.º Para esse effeito o socio deverá requerer á Directoria, provando seus direitos nos termos do paragrapho anterior.

§ 3.º Serão considerados benemeritos os socios que fizerem donativos á sociedade, a partir da quantia de um conto de réis.

Art. 23. Para que os socios atrasados de duas annuidades possam ser considerados resignatarios, nos termos dos Estatutos, é preciso que suas contribuições lhes tenham sido solicitadas por escripto, até tres mezes antes, cabendo-lhes ainda assim o recurso para o conselho superior e para a assembléa geral.

PAVILHÃO DA SOCIEDADE



Estatua de Ceres